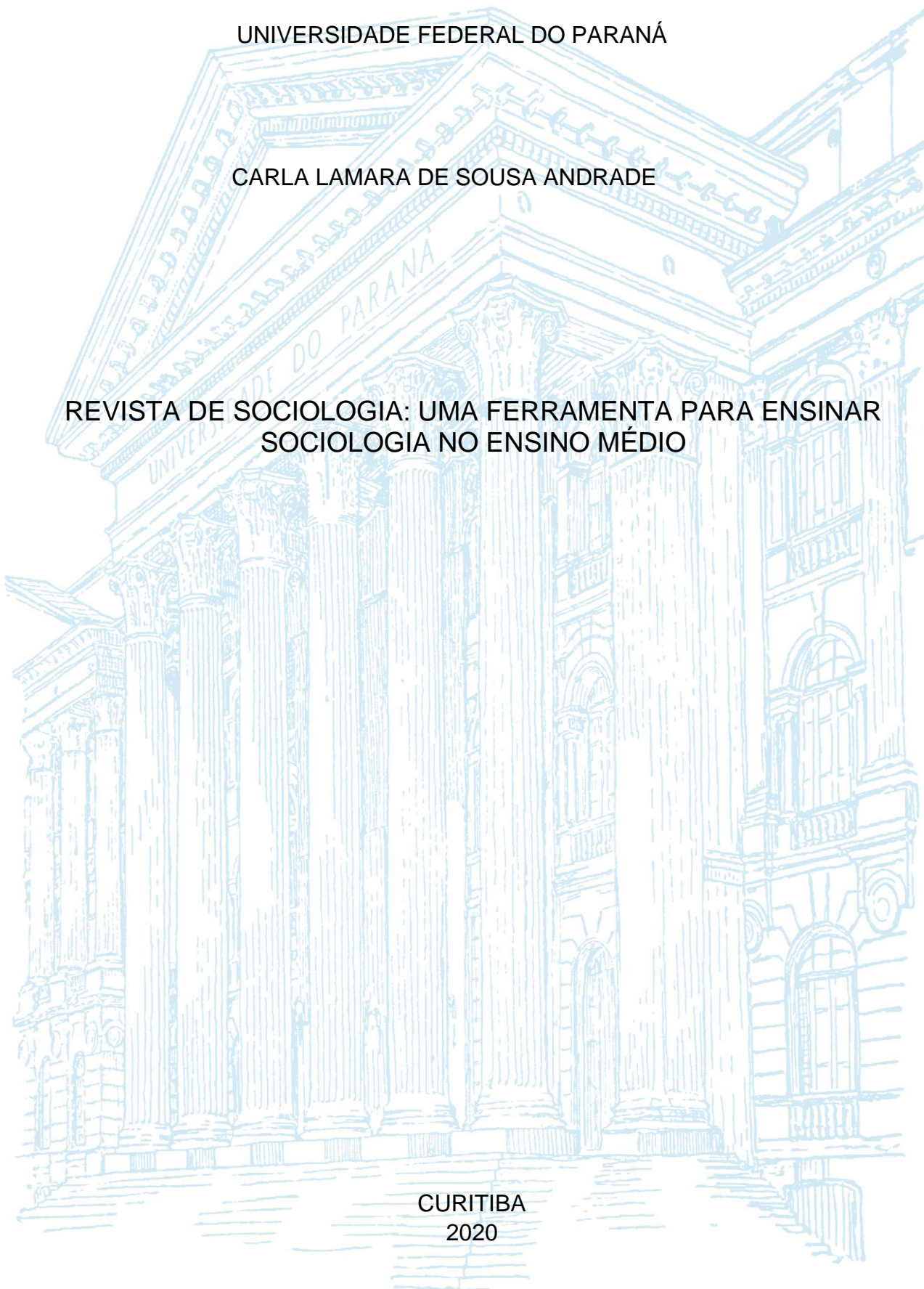


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CARLA LAMARA DE SOUSA ANDRADE

REVISTA DE SOCIOLOGIA: UMA FERRAMENTA PARA ENSINAR
SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

CURITIBA
2020



CARLA LAMARA DE SOUSA ANDRADE

REVISTA DE SOCIOLOGIA: UMA FERRAMENTA PARA ENSINAR
SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

Intervenção Pedagógica apresentada
como requisito parcial à obtenção do grau
de Mestre em Sociologia, do Programa
de Mestrado Profissional de Sociologia
em Rede Nacional (PROFSOCIO) do
Setor de Ciências Humanas, da
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Alexandro Dantas
Trindade

CURITIBA
2020

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Andrade, Carla Lamara de Sousa

Revista de Sociologia : uma ferramenta para ensinar sociologia no ensino médio. / Carla Lamara de Sousa Andrade. – Curitiba, 2021.

Dissertação (Mestrado profissional em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador : Prof. Dr. Alexandro Dantas Trindade

1. Sociologia (Ensino médio) – Estudo e ensino. 2. Prática de ensino. 3. Métodos de ensino. 4. Revistas. I. Trindade, Alexandro Dantas, 1973-. II. Título.

CDD – 301.07



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA EM REDE
NACIONAL - 25016016039P8

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de CARLA LAMARA DE SOUSA ANDRADE intitulada: **Revista de Sociologia: uma ferramenta para ensinar Sociologia no Ensino Médio.**, sob orientação do Prof. Dr. ALEXANDRO DANTAS TRINDADE, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 04 de Dezembro de 2020.

Assinatura Eletrônica
07/12/2020 10:24:51.0
ALEXANDRO DANTAS TRINDADE
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
07/12/2020 09:39:09.0
SIMONE MEUCCI
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
07/12/2020 11:13:26.0
ANA LUISA FAYET SALLAS
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
07/12/2020 10:42:04.0
LUIZ BELMIRO TEIXEIRA
Avaliador Externo (INSTITUTO FEDERAL DE EDUC., CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO PARANÁ)

Rua General Carneiro, 460 - 9º andar - sala 906 - Curitiba - Paraná - Brasil
CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5173 - E-mail: profisocio@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 64907

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>
e insira o código 64907

AGRADECIMENTOS

Concluir essa etapa de vida é um momento muito importante na minha vida, principalmente, diante da pandemia e do trabalho de ensino remoto, aliados a criação de dois filhos. Foram muitos esforços para concluir o mestrado, mas muito válidos para o meu amadurecimento profissional e acadêmico. Esse agradecimento vai ser dedicado a todas as pessoas que deixaram o caminho mais fácil nesse momento da minha vida. O primeiro vai para a Simone Meucci e sua equipe que com todo amor e trabalho depositado fez com que o ProfSocio se tornasse realidade na UFPR, agradeço a todos os professores que me ensinaram tanto e compreenderam uma aluna que tinha uma bebê de 5 meses de vida que precisava ser amamentar durante as aulas. Ao meu orientador, Alexandro Trindade, pela paciência e estímulo a participar de publicações. Agradeço também ao meu marido, Thiago, que durante um ano passou a ser a base mais sólida para que eu me dedicasse ao mestrado. Aos meus filhos, pela compreensão, apesar de muito pequenos, mas estavam sempre felizes ao me ver e compreendiam meus momentos de ausência. Aos meus pais que sempre me incentivam e falam que sou forte. Tudo isso faz o caminho ser mais leve e gratificante. Além deles, a caminhada se torna mais divertida e rica de aprendizados quando temos amigos que sempre farão parte das nossas vidas, por isso, agradeço essa caminhada a toda a turma ProfSocio de 2018.

RESUMO

A sociologia, disciplina obrigatória para todas os anos do ensino médio nas escolas públicas do Estado do Paraná, ganhou grande relevância para a educação paranaense ao contribuir para a formação de jovens estudantes. Diante da prática docente, este trabalho propõe uma revista de sociologia que corresponde a um instrumento físico de ensino por meio do qual um campo do conhecimento se materializa, no caso, os conteúdos sociológicos ganharão espaço nesse produto de comunicação do jornalismo. Nesse sentido, por meio de uma intervenção pedagógica, esta pesquisa consiste em pensar a “revista de sociologia” como uma ferramenta de ensino que protagonize a produção do conhecimento pelos estudantes do ensino médio. Tomando como partida metodológica a aplicação dessa revista em uma escola da região de Curitiba e em duas turmas do 2º ano do ensino médio, a partir da observação detalhada dessas aplicações, pretendo desenvolver estudos de caso e relatos de experiência pelos discentes sobre os aspectos de ensino-aprendizagem dessa maneira de produção do conhecimento sociológico.

Palavras-chaves: Revista; Ensino; Sociologia.

ABSTRACT

Sociology, a compulsory subject for all years of high school in public schools in the State of Paraná, has gained great relevance for education in Paraná by contributing to the training of young students. In view of the teaching practice, this work proposes a sociology journal that corresponds to a physical teaching instrument through which a field of knowledge materializes, in this case, the sociological contents will gain space in this journalism communication product. In this sense, through a pedagogical intervention, this research consists of thinking about the “sociology magazine” as a sociology teaching tool that leads the production of knowledge by high school students. Taking as a methodological starting point the application of this journal in a school in the region of Curitiba and in two classes of the 2nd year of high school, based on the detailed observation of these applications, I intend to develop case studies and experience reports by students on teaching aspects -learning this way of producing sociological knowledge.

KEYWORDS:

Magazine; teaching; sociology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Produção do conteúdo da revista 2019 (Cultura Jovem)	59
Figura 2 - Produção do conteúdo da revista 2019 (Imigração).	69
Figura 3 - Infográficos: Sistematização da aplicação da revista	97
Figura 4 - Estrutura dos temas propostos em 2014	98
Figura 5 - Capas das revistas elaboradas em 2014	99
Figura 6 - Cronograma proposto em 2014	100
Figura 7 - Slides apresentados para as turmas 1 e 2	100
Figura 8 - Capa da revista da turma 1	101
Figura 9 - Capa da revista da turma 2	102

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DEM	Partido dos Democratas
FIESP	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IPPUC	Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba
LGBTs	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
PDE	Plano de Desenvolvimento da Educação
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PROFSOCIO	Programa de Mestrado Profissional em Sociologia
PSS	Processo Seletivo Simplificado
TDICs	Tecnologias de Informação e Comunicação

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO	11
1.1. Objetivos	14
1.2. Delimitação do Objeto	14
1.3. Justificativa	16
1.4. Metodologia	17
1.5. Fundamentação Teórica	22
CAPÍTULO 2. O ENSINO DA SOCIOLOGIA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS	26
2.1. Educação Básica e os desafios da disciplina de Sociologia	26
2.2. Sociologia e alternativas para o presente	31
CAPÍTULO 3. RELATOS DE UMA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA	33
CAPÍTULO 4. A REVISTA DE SOCIOLOGIA COMO FERRAMENTA DE ENSINO	40
4.1. Segunda experiência: contextos e turmas	40
4.1.1. Gestão da Escola	44
4.1.2. Descrição das duas turmas	46
4.1.2.1. Atividade sobre Identidades	47
4.1.2.2. Turma 1	48
4.1.2.3. Turma 2	49
4.2. Aplicação e desafios	50
4.3. Impressões dos estudantes (um olhar do próprio aluno)	62
4.4. Impressões da professora	66
4.5. Guia para a produção da Revista de Sociologia	71
4.5.1. Sequências	73
4.5.2. Slides de Apresentação	74
4.5.3. Revista Digital	75
4.5.4. Orientações sobre a elaboração da Capa e Contracapa	77
CAPÍTULO 5. A REVISTA DE SOCIOLOGIA E A APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS (APB)	79
CONCLUSÃO	88
REFERÊNCIAS	93
ANEXOS	97

INTRODUÇÃO

A disciplina de sociologia, ao longo da sua história, sempre viveu um campo de disputa sob sua importância e permanência nas redes de ensino básico do Brasil. Florestan Fernandes foi um grande entusiasta para que as ciências sociais expandissem para os cursos secundários no país. Com o olhar para o futuro, compreende que elas seriam, naturalmente, capazes de orientar o comportamento humano, aumentando a eficiência e a harmonia social (FERNANDES, 1954).

Com a Ditadura Militar (1964-1985), a sociologia sofre duras censuras e o pensamento crítico foi desestruturado. Grandes perdas para o avanço do pensamento sociológico, uma vez que, segundo Machado (1987) as Ciências Sociais no país só ganham destaque enquanto tradição nos anos 50, onde um dos seus precursores foi Florestan Fernandes. O caminho para se chegar a uma lei que obrigasse a sociologia se tornar disciplina para o ensino médio foi tênue e será abordada detalhadamente no capítulo 2.

Em 2018, ao ingressar no mestrado profissional de sociologia pela Universidade Federal do Paraná, a lei que obriga a disciplina de sociologia no ensino médio completava 10 anos, sendo um marco, para todos na área, principalmente, porque era uma excelente oportunidade de sistematizar as experiências em sala de aula e aprofundar os estudos no ensino de sociologia para jovens. Também, foi um ano de muitos ataques a professores e disciplinas da área de humanas com o fortalecimento do movimento Escola Sem Partido¹, que tem como objetivo acabar com o que chamam de "doutrinação ideológica". Ora, um movimento incompatível com o ato de educar e construir cidadãos críticos e

¹ Movimento que nasceu em 2004 com o objetivo de colocar fim no que eles denominam de "doutrinação" política nas escolas do país. Mais informações disponíveis no site: <https://www.escolasempartido.org/quem-somos/>. Acesso em fev/ 2020.

pensantes para se viver em sociedade, como bem aponta em seu livro "Pedagogia do Oprimido".

Além desse contexto, aquele ano as tensões políticas tomavam conta dos debates públicos e privados, era o momento de eleições que culminou na ascensão do poder da extrema-direita com o, então vencedor, Jair Messias Bolsonaro, levando a preocupações de um retrocesso em várias áreas sociais, dentre elas a educação.

Diante desse resumo de cenário sobre o alicerce que se constrói este trabalho, o PROFSOCIO e a busca constante em enfrentar os desafios que a educação pública passa, foram minhas grandes motivações para enfrentar momentos tão desoladores com relação a profissão. No texto publicado no livro "Sociologia para quê?" Simone Meuci (2020), faz uma breve, mas profunda análise sobre a vocação sociológica no Brasil contemporâneo, onde retoma os contextos sociais, políticos e econômicos pelos quais o Brasil viveu desde o impeachment de Presidente Dilma Rousseff até as eleições de 2018. Ao mesmo tempo que coordenava a primeira turma do ProfSocio e vivia juntamente com a turma grandes dilemas da profissão. Entretanto, o encorajamento e as palavras de resistência diante dos ataques e da incerteza da disciplina eram nossas maiores fontes de entusiasmo e esperança.

A meu ver, cabe aos cientistas sociais, na fratura ambivalente da modernidade periférica, a hercúlea e quixotesca tarefa de, além de manter a espinha ereta nesse contexto, assumir o desafio intelectual (que é também político no sentido mais amplo), de compreender nossos fundamentos societários. (MEUCCI, 2020, p. 36).

Portanto, introduzo este trabalho refletindo não somente os momentos passados pelos quais cientistas sociais e a sociologia viveram, mas o atual momento pela qual este trabalho se debruça e encara as diversas contradições, desafios e superações para sua efetivação. A resistência em acreditar no progresso e na qualidade da educação do país levam a caminhos de construções mais sólidas para o ensino de sociologia e sua permanência nas escolas de ensino básico do Brasil.

Em 2014, vivenciei uma experiência em sala de aula² com o objeto do presente trabalho – a revista de sociologia, que se tornou uma ferramenta que me auxiliou no processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos de sociologia para os 2º anos do ensino médio em uma escola pública do Paraná. A revista de sociologia consiste em uma ferramenta de ensino que oferece bases sistematizadas para ministrar os conteúdos curriculares de sociologia. Apesar do formato jornalístico que incluir diversos métodos de elaboração de uma matéria como: coleta de informações, pesquisa, processamento dos dados, entrevistas e análise de discurso, construção de textos e análises da realidade social; a revista de sociologia tem como base as temáticas voltadas para as teorias sociológicas ministradas em sala de aula e com o acompanhamento do docente.

Mas, é no cenário de 2018, já mestranda do ProfSocio, que a revista de sociologia ganha um caráter de pesquisa por meio de uma modalidade de intervenção pedagógica. A aplicação da revista foi feita com foco numa dinâmica onde a experiência vivida é de uma professora-pesquisadora, a elaboração se deu por meio de uma observação participante, com percepções dos desafios, empasses da escola, da reação dos alunos e das impressões sobre a própria ferramenta.

Ao longo dessa introdução, serão detalhados os objetivos gerais e específicos; a delimitação do objeto de pesquisa. Na justificativa, será apresentado as motivações que me levaram a realizar este trabalho. Depois apresentarei o caminho metodológico, onde será delimitado o campo de pesquisa. Por fim, a fundamentação teórica irá auxiliar no diálogo com os principais pensadores que auxiliarão nas análises e resultados.

Além da introdução, os seguintes capítulos estão estruturados em quatro que se organizam da seguinte forma: o segundo capítulo é um breve histórico sobre a sociologia no ensino médio, uma maneira de situar o leitor no contexto de disputas, avanços e retrocessos dessa disciplina que atualmente completa 12 anos de obrigatoriedade no ensino médio. No terceiro capítulo será o primeiro relato de experiência na aplicação da revista de sociologia que aconteceu em 2014 em uma

² Aplicação da primeira experiência deste objeto de pesquisa – revista de sociologia – sem compromissos acadêmicos, apenas como extensão das minhas aulas de sociologia em uma escola pública do Paraná.

escola pública de Colombo (PR). Enquanto o quarto capítulo será o relato de experiência e o estudo de caso da intervenção pedagógica, que este trabalho se dispõe a aplicar e analisar em uma escola pública de Curitiba (PR) em 2019.

Por fim, o quinto capítulo se dispõe a lançar o olhar para a educação do século XIX, com foco na complexidade da juventude e o uso de tecnologias digitais, bem como o processo de ensino aprendido e a intensificação de novas ferramentas e metodologias ativas de ensino. Ao final será a apresentação das conclusões deste trabalho e o manual de elaboração da revista para os docentes. Em seguida as referências bibliográficas que esta pesquisa se apoiou.

1.1 OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo geral elaborar uma sistematização, por meio de uma ferramenta de ensino – revista de sociologia, conteúdos curriculares de sociologia para jovens do ensino médio em uma escola pública de Curitiba (PR) no ano de 2019.

Os objetivos específicos estão delimitados em cinco tópicos:

1. Compreender alguns desafios e caminhos que a disciplina de sociologia passou nos últimos 10 anos de sua história.
2. Analisar das experiências vivenciadas em dois momentos da aplicação da revista em turmas do ensino médio em escolas públicas
3. Mapear um panorama sobre as novas ferramentas e metodologias ativas, bem como a relação da juventude com as novas TICs.
4. Elaborar um manual de passo a passo para elaboração da revista de sociologia para os docentes.

1.2 DELIMITAÇÃO DO OBJETO

Considerando um trabalho de caráter de intervenção pedagógica é importante destacar algumas delimitações para que esta pesquisa se torne viável. Em primeiro lugar, ressaltar a compreensão sobre o que é uma intervenção

pedagógica, na qual se compreende como um processo pelo qual se torna cada vez mais importante na área da educação, uma vez que ela possibilita ações que desencadeiam mudanças a partir de análises científicas, contribuindo para o avanço da qualidade da educação do país.

Um grupo de pesquisa da Universidade Federal de Pelotas escreveu um artigo chamado *“Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica”*, no qual aborda alguns problemas relacionados a esse tipo de pesquisa na área da educação. Em suas análises, trouxeram uma definição sobre o que é intervenção pedagógica que é pertinente para este trabalho:

investigações que envolvem o planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações) – destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam – e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências (DAMIANI, et al., 2013, p. 58).

Portanto, a aplicação da revista de sociologia 2ª edição na escola localizada no bairro São Braz, levou a reflexão sobre o próprio caráter deste trabalho. O processo de planejamento e execução da revista foi em si a pesquisa e os resultados, por meio de relato de experiência e observação participante, possibilitou o desenvolvimento da elaboração da intervenção pedagógica em caráter de defesa para o mestrado.

Uma das características da intervenção pedagógica é ser aplicada com o objetivo de oferecer condições, por meio de uma investigação científica, para solução de problemas práticos (DAMIANI, Magda Floriana et al., 2013, p. 59). A partir desse aspecto, refletir sobre seu caráter é pensar em como uma ferramenta de ensino pode resolver problemas como o que envolve a aprendizagem do ensino de sociologia nas turmas de ensino médio.

Outro ponto importante é sobre a omissão do nome da escola nesta intervenção pedagógica, um dos motivos foi o fato de que a aplicação da revista não foi comunicada como uma pesquisa, dessa maneira, como professora titular da turma, inclui dentro do planejamento curricular de sociologia, onde foi comunicado como uma atividade que iria envolver a saída dos estudantes de sala de aula para

pesquisas, bem como a reunião dos grupos deles em contraturno. O objetivo era deixar os acontecimentos fluírem como deveriam em um processo normal de aulas de acordo com o planejamento e o ano letivo. Uma vez que a experiência deve contribuir como uma referência para a prática do ano letivo de outros professores e, por isso, um relato mais realista dos problemas e contradições da intervenção pedagógica.

Além disso, a compreensão do que é juventude é delimitada a partir de Groppo (2006), onde a juventude experimenta papéis sociais para a construção de sua sabedoria social. Interessa aqui a dimensão da relação entre juventude e sociedade com foco na sua relação com a educação, levando em consideração suas diferenças e desigualdades.

Por fim, é relevante situar o leitor sobre as novas metodologias inovadoras de ensino que estão fortemente presentes na rotina dos docentes. Logo, este trabalho também tem como proposta uma ferramenta de ensino que se contrapõe as aulas tradicionais do ensino de conteúdo. Em primeiro lugar, depois de fazer alguns mini cursos sobre metodologias ativas³, o objeto desta pesquisa se volta para o ensino por meio de projeto, que tem como objetivo colocar o professor como coordenador do processo de aprendizagem e investe no protagonismo dos alunos na construção do seu conhecimento" (DA SILVA BUSS; MACKEDANZ, 2017, p.123). Em segundo, as metodologias ativas têm ganhado relevância no debate educacional, já que são consideradas opções de mudanças de didáticas tradicionais por muitos docentes.

1.3 JUSTIFICATIVA

O interesse em desenvolver uma ferramenta de ensino que auxiliasse as aulas de sociologia surgiu em 2014 no meu primeiro ano como professora do ensino médio da rede pública de ensino do Estado do Paraná. Anterior a isso, minha trajetória se insere num contexto de participação como bolsista no Pibid⁴, programa que atuou como um autêntico laboratório prático que me possibilitou, de início,

³ Escola Mupi – Mini curso de metodologias ativas.

⁴ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) - CAPES

conhecer a realidade da educação pública nacional, com suas carências, possibilidades e desafios postos cotidianamente em sala de aula aos profissionais da educação; e, depois, refletir criticamente sobre a prática pedagógica adotada para, então, desenvolver e aplicar novos métodos que melhorassem o processo de ensino-aprendizagem da disciplina de sociologia nas séries do ensino médio.

Carregando essas experiências vividas durante o processo de formação na graduação de Licenciatura em Ciências Sociais⁵, pude compreender uma parte dos grandes desafios da educação básica brasileira e a importância de superá-los por meio de estudos, pesquisas, reflexões críticas e mudanças na prática de ensino. Assim, em 2014, no último semestre do ano letivo, desenvolvi um trabalho junto aos estudantes das cinco turmas de 2º ano do ensino médio do Colégio Estadual Antônio Lacerda Braga, situado no município de Colombo. O trabalho se resumia em elaborar uma revista que tinha como objetivo revisar a matéria dada ao longo do ano que tinha sua base nas próprias diretrizes curriculares da disciplina de Sociologia. Assim, tinha como ponto de partida propor algo que pudesse incluir os estudantes em um universo mais lúdico da aprendizagem.

A motivação também se deu pela possibilidade de ingressar em um mestrado profissional, onde poderia colocar em prática, de maneira sistemática, a aplicação de uma ferramenta de ensino, percebendo seus percalços e impactos para o ensino de sociologia no ensino médio. Portanto, o caminho para fortalecer o ensino de sociologia por meio de novas dinâmicas de ferramentas e metodologias, em que o protagonismo da juventude se fizesse alcançado foram grandes motores para desenvolver o presente trabalho.

1.4 METODOLOGIA

Este trabalho se caracteriza por uma intervenção pedagógica que tem como objetivo a aplicação de um material pedagógico que se configura como uma ferramenta de ensino de sociologia chamada de revista de sociologia, na qual tem suas bases na articulação entre os conteúdos curriculares do ensino médio e a

⁵ Formação pela Universidade Federal do Piauí

produção uma revista com técnicas jornalistas, mas, principalmente com as experiências cotidianas dos estudantes. Nesse sentido, a aprendizagem se dará por meio da produção de um pequeno projeto que tem seu alicerce na construção coletiva do conhecimento.

Como forma de intervenção pedagógica, a revista foi aplicada no ano de 2019 em uma escola de Curitiba, localizada no bairro São Braz. Para o presente trabalho, foi utilizada a observação de campo e participante e relato de experiência com os estudantes⁶ que participaram da elaboração da revista. A proposta é saber as concepções deles sobre o processo de elaboração da revista de sociologia e como ela contribuiu para reforçar a compreensão dos conteúdos de sociologia estudados durante o trimestre.

A observação de campo da presente intervenção se baseia na construção de um entendimento sobre um campo muito dinâmico e diverso. Por isso, se torna importante utilizá-la, uma vez que, segundo Neto (2004), auxilia em captar com mais riquezas de detalhes e de modo variado, situações e fenômenos; o que não seria possível com a aplicação de outras técnicas. Enquanto professora e aplicadora da intervenção, passo por um processo ainda mais imerso na pesquisa. Assim, um olhar atento e participativo é possível nas análises de Ingold (2016) ao apontar que:

Observar significa ver o que acontece no entorno e, é claro, também ouvir e sentir. Participar significa fazê-lo a partir de dentro da corrente de atividades através da qual a vida transcorre, concomitante e conjuntamente com as pessoas e coisas que capturam a atenção que se dispensa a elas (INGOLD, 2016, p. 407).

Assim, buscando na fonte de Ingold (2016), compreendo que “o conhecimento emerge a partir das encruzilhadas de vidas vividas junto com outros” (INGOLD, 2016, p. 407). Para tanto, concluo com uma citação de Ingold que rompe com a barreira da dicotomia entre observar e participar:

⁶ Os nomes dados aos estudantes nos capítulos que destacam as experiências da aplicação, os diálogos e a conversas dentro da escola são fictícios e têm como objetivo preservar a identidade de todos e manter sigilo em meio as relações dentro do contexto escolar.

Como bem se sabe, esse conhecimento consiste não em proposições sobre o mundo, mas em habilidades de percepção e capacidades de julgamento que se desenvolvem no decorrer de engajamentos diretos, práticos e sensíveis com aquilo que está à volta (INGOLD, 2016, p. 407).

Nesse sentido, o processo de intervenção acontece paralelamente com meus estudos no mestrado e com o meu exercício da profissão enquanto professora do ensino médio da rede pública do Paraná. Dessa maneira, o caminho da pesquisa equivale também às minhas experiências enquanto docente, ressaltando questões sobre ser pesquisadora e professora ao mesmo tempo. Isso compreende também uma imersão na dinâmica escolar e a interação em ambos os sentidos (professora/pesquisadora) com os alunos e o corpo docente. Assim, possibilita também uma abrangência na leitura de vários aspectos que compõem o processo escolar e, especialmente o ensino-aprendizagem em sociologia.

A produção de relatos de experiências é uma maneira de elucidar questões que envolvem o ambiente estudado naquele determinado momento de construção da pesquisa. É nesse sentido também que Sousa (2007), no seu trabalho *“(Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação”*, faz um levantamento bibliográfico sobre como os relatos que compõem uma dimensão autobiográficas levam a construir as novas maneiras metodológicas de elaborar pesquisas na área da educação. Ele cita Catani (at. 2005) para destacar que as relações pessoais com a escola, materializadas nas obras autobiográficas, levam a se tornar fontes importantes para a história da educação. Portanto, tenho como premissa que contar experiências vivenciadas no ambiente escolar e, particularmente em sala de aula, contribui para compor um quadro de estudos e pesquisas ainda maior para a história da educação no país.

Em seguida vou abordar a juventude, uma vez que a revista é aplicada para estudantes com idades entre 15 a 17 anos. Olhar para a escola e o processo de ensino-aprendizagem sem pensar a condição dos jovens na atual realidade, não condiz com a proposta de aprofundar o modo como desenvolvemos maneiras de ensinar. Portanto, pretendendo pensar sobre a juventude e, por meio dos relatos de

experiência, coletar dados para orientar a pesquisa com objetivo de tentar examinar a relação desses jovens com a produção do conhecimento via revista de sociologia.

Para isso, o método será dividido em dois momentos. No primeiro, de cunho mais explanatório, pretendo fazer um levantamento da escola e das características das turmas, bem como da identidade dessa juventude em específica. O intuito é compreender, por meio da observação e conversas, como os estudantes se relacionam com a escola, em especial com a disciplina de sociologia. O segundo momento, o objetivo é realizar, pós-produção da revista, um momento de avaliação coletiva com os estudantes das duas turmas da escola que serão aplicadas a intervenção. A proposta é entender como eles percebem a disciplina de sociologia e como, a produção da revista refletiu algum saber sociológico.

Dar voz aos estudantes em conversas sobre a avaliação de si e do próprio trabalho que executam é colocar no chão das escolas aspectos importantíssimos para as mudanças da educação pública, como o protagonismo em participar da produção do seu próprio conhecimento e, portanto, olhar para os jovens, segundo Dayrell e Reis (2007), por meio das culturas juvenis:

Com todos os limites dados pelo lugar social que esses jovens ocupam, não podemos nos esquecer do aparente óbvio: eles são jovens, amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito das suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se diante dela, possuem desejos e propostas de melhorias de vida. Na trajetória de vida deles, a dimensão simbólica e expressiva tem sido cada vez mais utilizada como forma de comunicação e do posicionamento diante de si mesmos e da sociedade (DAYRELL E REIS, 2007, p.107).

Portanto, pensar essa revista de sociologia é colocar em questão sua própria construção como ferramenta de ensino, contribuindo para a compreensão de determinadas condições da intervenção, tais como: as estrutura e recursos das escolas; o perfil das turmas; o tempo e o espaço; o contexto histórico e social e a juventude; tudo como forma de refletir o processo de ensinar e aprender conteúdos sociológicos. Assim, a proposta é tornar público resultados referentes a essas condições. Entretanto, essa revista pensada e testada será referência para novas

metodologias de ensino de sociologia e até mesmo inspiração para ser aplicadas em outras escolas.

Cabe ainda uma breve justificativa sobre os motivos da escolha das turmas. Em primeiro lugar estar no fato de que as turmas dos 2º anos do ensino médio trazem uma bagagem teórica de sociologia do 1º ano e, por isso, a facilidade em explicar conteúdos mais temáticos, podendo ligar com os clássicos da sociologia⁷ de maneira mais profunda. Em segundo lugar pelos conteúdos direcionados pelas diretrizes curriculares para os 2º anos do ensino médio, uma vez que traz temas como cultura, indústria cultural, questões de gênero entre outros. Por esses motivos, escolhi as duas turmas de 2º anos da escola para aplicar o projeto da revista de sociologia.

Entretanto, ela pode ser aplicada em todas as turmas do ensino médio. Cabe ao professor saber como aplicá-la nas turmas de acordo com o nível de entendimento dos conteúdos de sociologia e da sua ligação com as experiências e acontecimentos sociais do presente contexto social e histórico que se vive no momento da aplicação.

Além disso, essa intervenção pedagógica envolve etapas definidas de produção, aplicação, resultados e produto. Por isso, pretendo também deixar claro como isso acontecerá em termos de organização neste trabalho. Em primeiro lugar a produção e aplicação se darão frente aos relatos de experiência desta professora pesquisadora ao longo dos capítulos 3 e 4, enquanto o resultado refletirá no capítulo 5 quando será falado da abordagem de ensino que a revista proporcionou e por fim, o resultado se dará por meio de um infográfico⁸ explicando as etapas da elaboração que pode ser usado pelos professores como fonte de pesquisa para aplicação com suas turmas.

⁷ Clássicos da Sociologia: Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber.

⁸ Ver figuras 1 e 2.

1.5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta fundamentação teórica tem como base minha trajetória de mestranda, uma vez que faz referência à publicação de um capítulo no livro “Sociologia pra quê?”⁹.

A educação nos leva a caminhos desafiadores e, por isso, estamos numa constante busca pela compreensão da dinâmica social que envolve o processo de ensino-aprendizado nas escolas do país. Assim, proponho pensar uma revista de sociologia como ferramenta de ensino de sociologia que protagonize a produção do conhecimento pelos estudantes. A trajetória desse trabalho envolve tanto desenvolver o passo a passo desta ferramenta que articula várias técnicas de pesquisas e processamento dos dados, entrevistas e análise de discurso; construção de textos e análises da realidade social etc., quanto reflete sobre o processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos de sociologia para os três anos do ensino médio.

Estudos que envolvam novas metodologias e ferramentas de ensino de sociologia e tecnologia da informação e comunicação são bem comuns na área de pesquisas para o ensino de sociologia na educação básica. Entretanto, a dinâmica escolar oferece desafios constantes que devem ser pensados e analisados de acordo com realidade e contextos atuais, permitindo que novos estudos ofereçam mais ferramentas de análises para a compreensão crítica da realidade por meio da sociologia no ensino básico.

Pensando assim, Boaventura de Sousa Santos (2002) propõe a racionalidade cosmopolita em que expande o presente e contrai o futuro, oferecendo um caminho para “criar um espaço-tempo necessário para conhecer e valorizar a inesgotável experiência social que está em curso no mundo de hoje” (SANTOS, 2002, p. 239). Dessa maneira, a revista de sociologia é uma ferramenta que não se perde no tempo-espaço, uma vez que pode ser acionado qualquer

⁹ ANDRADE, C.L.S. Revista de Sociologia: uma ferramenta para ensinar sociologia no ensino médio. In: ARBOLEYA, A., LIMA, A. J. C., TRINDADE, A. D. (Org.) **Sociologia para quê**. Curitiba: Bagai, 2020.

conteúdo de sociologia ou relacionar eles a temas que estão em debate no país e no mundo.

A revista, objeto do presente estudo, como suporte para ensinar sociologia, mergulha no presente (SANTOS, 2002), ou seja, o espaço da experiência para criar caminhos mais viáveis no aqui e agora da juventude. O uso dessa revista também oferece inúmeras maneiras de pensar alguns dos desafios da sociologia no ensino médio. Dentre os desafios destaco o de aliar ao saber do conhecimento do senso comum ao saber científico e ao uso das TDICs (tecnologias de informação e comunicação) pelos jovens e, conseqüentemente por todo o sistema escolar. Aqui, trago Boaventura e Bourdieu para pensar esse contexto, uma vez que a sociologia reflexiva e a sociologia das ausências expõem elementos que contribuem para pensar a educação além dos muros da escola e incluir as experiências da vida cotidiana dos estudantes e da própria realidade da qual a escola faz parte em um contexto sociológico de inclusão.

Além disso, pretendo pensar a revista por meio das técnicas jornalísticas que organizam a produção da editoria dessa ferramenta manuseada pelos estudantes. Pretendo aliar a produção de uma editoria para a revista e fazer uma análise desse processo jornalístico de comunicação e, concomitantemente, aprofundar a compreensão de como é possível ensinar sociologia por esse veículo, aliando técnicas de aprendizagem. Um exemplo é conciliar pesquisas, processamento dos dados, entrevistas e análise de discurso a construção de textos e análises da realidade social pelos próprios estudantes, aliado, evidentemente, a um conhecimento sociológico anterior trabalhado em sala de aula.

Para isso, utilizo o livro *“Guia para a edição jornalística”* (JUNHO, 2006), obra que engloba questões técnicas da produção e a própria análise dessas técnicas. Outra referência para compor essa análise é o livro *“A Revista e seu Jornalismo”* (FREDERICO DE MELLO; TAVARES, 2013), em que é possível obter referencial para a parte conceitual do que a revista jornalística pode representar para a construção da revista de sociologia.

Esse trabalho também se apoia na pedagogia da autonomia de Paulo Freire, onde ensinar “não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua

produção ou a construção” (FREIRE, 1996). A revista é o suporte de ensino que irá possibilitar a construção e a autonomia dos estudantes, ao passo que estes serão os protagonistas pelo fato de produzirem um material de sua autoria com base no conhecimento sociológico norteado pelo docente. Assim, a prática educativo-crítica retoma um aspecto bem importante no processo de ensino aprendido: produção do saber. Para Freire (1996), é por meio da prática que se amplia os saberes; com isso, a revista possibilitará ampliar e acionar vários saberes, dentre eles: pesquisa, entrevistas e processamento de dados, produção de textos, interpretações de imagens e charges, o uso da fotografia e o contato com outras obras como filme/ livros/ documentários. Dessa maneira, o professor tem que saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção (FREIRE, 1996).

Além disso, é importante também aprofundar a discussão sobre a juventude e a sua relação com as TIDCs. A essa relação destaco algumas referências do curso de Sociologia das Emoções e Juventude cursada durante o mestrado. A primeira é o texto do Vitor Sérgio Ferreira “*Ondas, cenas e microculturas juvenis*” (2008). Nele podemos abrir a discussão para o que é próprio das culturas juvenis, transitando os gostos musicais, estilos, ou seja, atentar para sua sociabilidade. O texto “*A maior zoeira na Escola*”, de Alexandre Pereira (2017), ajuda-nos, por meio de olhar etnográfico, a pensar as ambiguidades das relações que estabelecem uma forma de ser jovem. Além disso, situa as práticas em um conjunto de relações ligado à influência das novas tecnologias e mídias em geral. Esses dois autores serão norteadores para pensar a juventude e a necessidade do uso de audiovisuais para a integração dos jovens com a escola e o próprio conhecimento.

Essa ferramenta de ensino também tem como característica percorrer caminhos que estão além da sala de aula e da própria escola. Como uma atividade pedagógica intra e extraclasse, traz a vida do cotidiano dos estudantes e da comunidade para dentro da escola, ao passo que a revista utilizará de vários mecanismos de socialização como pesquisa de campo, entrevista, análises de dados da própria comunidade. Enfim, a flexibilidade de atender inúmeras técnicas de ensino dentro de um veículo de informação com conteúdo sociológico faz com

que encaremos elementos importantes para pensar um conjunto de questões do sistema educacional.

CAPÍTULO 2

**O ENSINO DA SOCIOLOGIA NAS ESCOLAS
BRASILEIRAS**

Esta intervenção é reflexo também de uma produção acadêmica e participação de eventos ao longo do mestrado. Com a produção de um artigo para a disciplina de Políticas Públicas e posteriormente adaptada para os anais da X Seminário de Sociologia e Política da UFPR¹⁰, trago para o corpo desta intervenção o reflexo do debate sobre a história do ensino de sociologia e as atuais mudanças na Base Nacional Curricular Comum.

Além disso, reflito sobre a possibilidade do uso da revista de sociologia como alternativa para se projetar na área das ciências humanas e tecnológicas, já que em 2017, com a reforma do ensino médio em todo o território brasileiro, a sociologia foi retirada do currículo como disciplina obrigatória, sendo transformada em “estudos e práticas de ensino”, que farão parte dos temas transversais que devem ser abordados no ensino médio.

**2.1 EDUCAÇÃO BÁSICA E OS DESAFIOS DA DISCIPLINA DE
SOCIOLOGIA**

Em 2008, a Lei 11.684 introduziu a sociologia nos três anos do ensino médio no Brasil. Com isso, são 10 anos em que o ensino de sociologia é um dos principais focos da produção científica, onde um dos critérios adotados para essa produção é a transposição didática dos conteúdos para o contexto escolar (HANDFAS, A.;

¹⁰ ANDRADE, C. L. S. A nova reforma do ensino médio: as possibilidades de estudos e práticas de sociologia por meio de uma revista de sociologia como ferramenta de ensino. X Seminário Nacional Sociologia & Política América Latina hoje: rupturas e continuidades GT 04 – Ensino em Sociologia. Curitiba: 2019

POLESSA, J.; 2014). Assim, refletir e desenvolver mecanismos didáticos que ofereçam suportes coerentes para melhorar a qualidade do ensino de sociologia nos anos do ensino básico parecem ser o caminho para avançar ainda mais as pesquisas nessa área. Entretanto, em 2017 a Sociologia foi retirada do currículo como disciplina obrigatória devido à reforma do ensino médio implementada por meio da medida provisória¹¹ do governo de Michel Temer.

As tentativas de fazer uma reforma do ensino médio data bem antes da medida provisória imposta pelo governo Temer quando, no período do governo Lula (2002- 2010), se formularam propostas para um ensino médio que se voltasse para a inovação e para a formação técnica dos jovens. Foi nesse período também que o governo federal ocupou lugar central no papel de desenvolvimento da educação básica no país, muitas vezes fazendo ligação direta com o sistema educacionais dos Estados (OLIVEIRA, 2009). Dessa maneira, já se notava um movimento para estreitar ainda mais a relação da educação com a empregabilidade.

Nesse aspecto, podemos rememorar um pouco da historicidade das políticas educacionais para o ensino médio ao pontuar o debate na década de 1980 sobre a defesa da escola pública universal, laica e gratuita e da educação como um direito social e subjetivo durante o Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública. Entretanto, nesse mesmo caminho se encontrava uma formação técnica voltada para a obtenção de emprego, ou seja, a lógica operacional de uma educação para o mercado de trabalho.

Mas é durante a década de 1990 em que a lógica mundial capitalista, as reformas de diminuição da atuação do Estado na garantia de direitos já estabelecidos coletivamente e as grandes privatizações se intensificam a ponto de configurar novas noções de capital humano focando-o nas esferas da competência individual, empregabilidade e empreendedorismo como expressas por Frigotto e Ciavatta (2011):

Trata-se de noções que hipertrofiaram a dimensão individualista e da competição e induzem à formação

¹¹ MP nº 746, de 22 de setembro de 2016

aligeirada de jovens e adultos trabalhadores em cursos pragmáticos, tecnicistas e fragmentados ou a treinamentos breves de preparação para o trabalho simples, forma dominante a que somos condenados na divisão internacional do trabalho (FRIGOTTO; CIAVATTA; 2011, p. 624).

E, de acordo com as necessidades do mercado, prepara-se uma minoria para o trabalho complexo (FRIGOTTO; CIAVATTA; 2011, p. 624). Já em 2009 foi instituída a portaria nº 971 que criava o programa Ensino Médio Inovador em uma proposta de ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) com alguns objetivos muito importantes para compreender o caminho que será posteriormente feito na área educacional do país: O objetivo do PDE é apoiar e fortalecer os Sistemas de Ensino Estaduais e Distrital no desenvolvimento de propostas curriculares inovadoras nas escolas de Ensino Médio, disponibilizando apoio técnico e financeiro, consoante à disseminação da cultura de um currículo dinâmico, flexível, que atenda às expectativas e necessidades dos estudantes e às demandas da sociedade atual.

Quando a presidenta Dilma assume em 2011 e desenvolve o programa “Pátria Educadora” o rumo da educação brasileira ganha um caráter de reforma mais universalista do ensino e a preocupação em atender o segmento da população mais desfavorável e marginalizada como os negros, mulheres, LGBTs e os mais pobres. Contudo, o acesso se dava também na dimensão do ensino superior, desencadeando uma popularização do acesso a uma formação superior. Além disso, as soluções para a educação básica dessa época soavam de maneira muito idealizada, como muitos diagnósticos e soluções rápidas e superficiais (LOCKMANN; MACHADO, 2018)

Uma das principais polêmicas sobre a reforma do ensino médio é que ela aconteceu por meio de uma medida provisória, uma imposição do Ministério da Educação comandada pelo então ministro da Educação Mendonça Filho (DEM-PE), no governo do presidente Michel Temer, que chegou ao cargo depois de um processo de golpe caracterizado de impeachment da presidenta Dilma Rousseff.

As controvérsias em torno do impeachment representam um debate da

ilegitimidade dessa reforma e até mesmo o formato da medida provisória que conduz a uma condição unilateral, sem debate com os principais autores desse processo, que são os professores, alunos, pais e toda a comunidade educacional. Uma vez que, segundo Lisete Arelaro em uma entrevista para a Revista Retratos da Escola, nem durante a Ditadura Militar dos anos de 1960 utilizou de decreto-lei para impor uma reforma dessa magnitude no sistema educacional. Arelaro acredita que o uso desse tipo de medida se configura pelo fato de que o governo não conseguiria ter um debate minimamente legítimo com muitas instituições sociais da área. Dessa maneira, alguns pontos devem ser destacados, neste artigo, quanto às mudanças da Lei 13.415/2017 que altera bastante a Lei nº 9.394 de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional -LDB) e a Lei nº 11.494 de 2007 (Lei do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação -Fundeb).

Um deles é com relação à organização curricular que envolve a não obrigatoriedade da disciplina de sociologia, uma vez que a LDB, desde 2008, incluía as disciplinas de filosofia e sociologia no ensino médio e foi alterada e hoje compõe um quadro que se configura como “estudos e práticas de ensino” de filosofia e sociologia. Portanto, é preciso que a Base Nacional Comum Curricular estipule a maneira de como essas disciplinas serão organizadas no ensino médio, conforme expresso no texto final da Lei nº 13.415/17: [...] reinclui como disciplinas obrigatórias Artes e Educação Física, que tinham sido excluídas pelo texto original da MP.

Entre as línguas estrangeiras, o Espanhol não será mais obrigatório, ao contrário do Inglês, que continua obrigatório a partir do 6º ano do ensino fundamental. Já as disciplinas de Filosofia e Sociologia, que tinham sido excluídas pelo Poder Executivo, passarão a ser obrigatórias apenas na BNCC, assim como Educação Física e Artes (BRASIL, 2017, LEI Nº 13.415).

Diante da situação que essas disciplinas se encontram, importa destacar algumas reflexões. A primeira é que essa mudança em transformar disciplinas obrigatórias em estudos e práticas de ensino faz com que estas apenas se tornem temas transversais sem uma orientação clara, trazendo questionamentos como o

que será trabalhado e quem vai trabalhar esses temas. A segunda é sobre como a formação crítica e cidadã serão contempladas nessa nova maneira curricular. As duas levam para o mesmo caminho que se enquadra na tentativa impositiva de implementar uma formação tecnicista e generalista para os jovens em uma onda mundial neoliberal, onde: Nessa perspectiva, as políticas neoliberais do atual governo brasileiro destroem a cidadania, à medida em que se baseia nos pressupostos do Consenso de Washington, fomentando as reformas comerciais liberalizantes recomendadas pelo Banco Mundial e avalizadas pela Fiesp (SILVA, M. R.; DICKMANN, I.; BERNARTT, M. L.; 2017, p.11).

Aliados a essa questão estão os itinerários formativos que têm como objetivo flexibilizar o currículo e formar blocos de áreas para que os estudantes possam escolher quais disciplinas querem cursar. Assim, ficou dividido em Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências Naturais e suas Tecnologias, Ciências Humanas e suas Tecnologias e Educação Profissional. Contudo, o acesso de forma fragmentada é nítido ao passo que as escolas não contemplam recursos necessários para oferecer tanto um ensino de integral, quanto mais de duas opções de itinerários. Segundo Celso João Ferretti (2018, p. 27), essa formação tem como consequência a diminuição do número de disciplinas para serem cursadas é um atrativo já que os estudantes sentirão mais “liberdade” para escolher de acordo com interesses pessoais, tudo isso também leva um caminho menos reprovativo. Entretanto, não se pode pensar essa reforma sem também fazer uma análise sobre a PEC do Teto dos Gastos (Emenda Constitucional N° 241).

Ela é o ponto chave para pensar o orçamento e investimentos nas várias áreas sociais, entre elas a educação, uma vez que desvincula os recursos nessas áreas e o congelamento em gastos públicos por 20 anos, inviabilizando, assim, novos investimentos e financiamentos na educação pública. Aprovar uma reforma que exige mudanças significativas nas estruturas físicas das escolas, na formação de professores e na organização geral da educação exige que haja um grande investimento para a sua concretização.

Contudo, com essa restrição orçamentária é complicado pensar na sua

implementação e na garantia de qualidade mínima para sua efetivação. Portanto, a educação está no centro de disputas constantes e, segundo Frigotto e Ciavatta (2011), elas pairam em concepções e políticas que controlam de alguma maneira o projeto de nação e a manutenção de determinados agentes no poder, além de uma disputa do próprio mercado.

2.2 SOCIOLOGIA E ALTERNATIVAS PARA O PRESENTE

A história da Sociologia no ensino médio é palco de disputas constantes de poder, uma vez que delimita espaços que envolvem a formação de indivíduos e ocupa lugares profissionais em detrimento de outras disciplinas. O retrocesso é imenso, ao passo que, com a consolidação dessa disciplina a área ganhava novos profissionais especializados e uma enorme gama de pesquisas científicas com relação à educação e às novas metodologias de ensino no campo da sociologia. Além disso, ela tem a dimensão de oferecer uma reflexão crítica acerca da análise da realidade social, abrangendo temáticas como aponta Ferreira e Santana (2018):

Nesse sentido, os currículos abordam, teórica e conceitualmente, temáticas sensíveis à vida em sociedade como cultura, relação entre indivíduo e sociedade, desigualdades, movimentos sociais, ideologia e alienação, formação do Estado brasileiro, relações étnico-raciais, papéis de gênero, globalização, questão fundiária, campo e cidade, organizações políticas e Estado Moderno, democracia e cidadania, direitos civis, sociais e políticos, modos históricos de produção, mercado de trabalho, meios de comunicação e indústria cultural, fluxos migratórios, dentre outros (FERREIRA; SANTANA, 2018, p. 50).

É nesse contexto de levar pensamento crítico para a escola que uma onda conservadora veio em direção às disciplinas que levantam pontos de reflexão sobre os problemas e dilemas sociais. Santana (2018) aborda que essa onda foi materializada com a Escola Sem Partido, fomentada a partir do desmonte de disciplinas na área de humanas dos currículos escolares, como é o caso de sociologia e filosofia - áreas já consolidadas no marco legal do ensino básico. Contudo, agora a condição dessas disciplinas se restringe a “estudos e práticas de ensino”, tornando-se temas transversais que devem ser de alguma maneira

abordados no ensino médio. Paralelamente, afloram nesse contexto novas maneiras de encarar esses desafios. Uma das possibilidades de enfrentar tal situação e construir um conhecimento sociológico no ensino médio é a formulação de projetos inovadores que possibilitem o contato com o saber sociológico.

Por isso, proponho como uma maneira de transposição dos conteúdos de sociologia para uma revista que desperte a produção do conhecimento pelos alunos. Essa revista é dotada de uma técnica de produção jornalística, que destaca o saber sociológico remetendo aos mais variados temas da disciplina. Além disso, tal instrumento de ensino possibilita aproveitar as habilidades dos alunos com as novas tecnologias da informação e comunicação e tem como ser utilizada em oficinas de estudos e práticas.

Destaca-se, por fim, que a sociologia se apresenta como campo ideal para realização de projetos desse tipo, uma vez que se trata de uma disciplina essencialmente envolvida com o mundo social, este caracterizado por uma dinamicidade própria.

CAPÍTULO 3

RELATOS DE UMA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA

Em 2014, no último semestre do ano letivo, desenvolvi um trabalho junto aos estudantes das cinco turmas de 2º ano do ensino médio do Colégio Estadual Antônio Lacerda Braga, situado no município de Colombo, próximo ao terminal do Maracanã. Uma localização central para muitos estudantes do município. A experiência da primeira aplicação do projeto da revista foi marcada pelo apoio do então diretor e vice-diretor da escola, além de uma integração e incentivo nos momentos da execução da revista nos espaços da escola pela equipe pedagógica e os colegas docentes.

O trabalho se resumia em elaborar uma revista de sociologia que tinha como objetivo revisar a matéria dada ao longo do ano que tinha sua base nas próprias diretrizes curriculares da disciplina de Sociologia. O ponto de partida seria propor algo que pudesse incluir os estudantes em um universo mais lúdico da aprendizagem.

A ferramenta foi proposta para as cinco turmas de 2º ano da escola, em que cada uma delas desenvolveria uma revista, totalizando a produção de cinco revistas de sociologia. O principal objetivo era aplicar as teorias e reflexões sociológicas estudadas em uma espécie de projeto, desenvolvido em um tempo maior de preparação, exigindo um cronograma de atividades que, ao fim, se tornaria uma produção coletiva. A produção do conhecimento seria de protagonismo dos próprios estudantes.

O primeiro passo foi propor, oralmente, a dinâmica e perceber como seria a receptividade pelos estudantes. Aqui, destaco que foi preciso desenvolver técnicas de convencimento para que houvesse um engajamento maior nesse processo, uma vez que por conter várias etapas de trabalho seria preciso um empenho maior dos estudantes para a realização do projeto.

A revista foi pensada com base nos modelos tradicionais de produtos

jornalísticos similares, seguindo um editorial e técnicas de elaboração de matérias jornalísticas, como pesquisas, apuração junto às fontes, abordagem por meio de entrevistas. O suporte teórico para elaborá-la foram os conteúdos de sociologia ministrados ao longo do ano (homofobia, machismo, cultura jovem e trabalho, por exemplo). O objetivo era que os estudantes já despertassem por meio dos conhecimentos sociológicos para desenvolver outras maneiras de olhar para a realidade social.

Os estudos de Dewey (2010) ajudam a tratar sobre como o desenvolvimento de habilidades e técnicas de ensino valorizam as experiências vividas pelos estudantes. O autor destaca que os conhecimentos não devem ser alheios aos interesses dos alunos e que, ao conciliar conhecimento científico e acontecimentos do cotidiano, o docente seria um facilitador no processo educacional:

O cultivo e a expressão da individualidade se opõem à imposição de cima para baixo; a atividade livre se opõe à disciplina externa; aprender por experiência em oposição à aprendizagem através de textos e professores; a aquisição de habilidade e técnicas como meio para atingir fins que correspondem às necessidades diretas e vitais do aluno em oposição à sua aquisição através de exercício e treino; aproveitar ao máximo as oportunidades do presente se opõe à preparação para um futuro mais ou menos remoto; o contato com um mundo em constante processo de mudança em oposição a objetivos e materiais estáticos (DEWEY, 2010, p.22).

A presente proposta de material pedagógico se encaixa, portanto, como um instrumento de ensino que ofereceria uma formação voltada para o presente e, ao mesmo tempo, faria uso da ciência para orientar um pensamento crítico e uma melhor compreensão das questões sociais por meio da sociologia.

Ao perceber que, de forma geral, os alunos gostaram da ideia, comecei a preparar as etapas seguintes do projeto. Em cada turma foi feita uma divisão de grupos, onde os alunos puderam trabalhar com aqueles com os quais tinham mais afinidade, uma vez que ficaram livres para formar suas equipes. Depois, propus os temas que deveriam ser abordados na revista¹². Sobre essa questão temática ou, na linguagem jornalística, a pauta, propus relacioná-la com a dinâmica de vida dos

¹² Figura 2 – Estrutura dos temas proposta em 2014

próprios estudantes abordando a cultura jovem, as redes sociais, o mundo do trabalho, o machismo e a homofobia, por exemplo. Foi uma forma de aliar a aprendizagem teórica da sociologia à vida cotidiana e a relação com a sociedade.

A revista de sociologia é uma boa oportunidade para que a pluralidade de vivências se expresse e, com isso, a voz de cada estudante possa soar por meio da produção do conhecimento. Hooks orienta para um caminho em que devemos “fazer da sala de aula um contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de contribuir que é um objetivo central da pedagogia transformadora” (HOOKS, 2013, p. 56).

Após essas etapas, montamos uma estrutura básica para concretizar a revista, que no caso seria física, ou seja, elaborada de forma manual com impressões de imagens, textos e depois passaria para um processo de colagem criativa. A capa e o nome da revista¹³ foi a primeira estrutura pensada. Elas deveriam ser propostas pela turma acionando conhecimentos que despertassem a relação da concepção de mundo e da criatividade em representá-los, desenvolvendo uma imaginação da sociologia que, segundo Mills “nos permite compreender a história e a biografia e as relações entre ambas, dentro da sociedade” (MILLS, 1975, p. 11).

Para uma melhor organização, buscamos construir juntos um cronograma de atividades relacionadas à revista¹⁴. Destaco para uma questão importante nesse momento, uma vez que a revista era uma elaboração paralela e eu continuava a ministrar aulas com os conteúdos planejados para o quarto semestre. Assim, ao marcar as datas para elaboração da revista, separávamos o tempo para se dedicar ao material. De acordo com o cronograma, foi decidido o nome da revista, o design da capa e os modelos que fariam parte da capa, os dias de acompanhamento e a orientação para cada grupo, o dia das fotos e, por fim, a entrega e montagem.

As etapas também foram uma maneira de conduzir de forma orientada a revista, uma vez que a experiência foi aplicada em cinco turmas, com uma média de 25 grupos a serem supervisionados. Para melhor ilustrar essa dinâmica, explico

¹³ Figura 3 – Capas das revistas produzidas em 2014

¹⁴ Figura 4 - Cronograma

a seguir cada ponto desse processo:

1. **Nome e o design da revista.** Quando decidimos escolher um nome para a revista, apliquei a dinâmica da chuva de ideias, onde os estudantes davam sugestões e eu as registrava no quadro. Depois disso, passamos por uma votação para que, democraticamente, o nome fosse escolhido. Também por meio dessa dinâmica, pensamos o design da capa. O detalhe é que cada turma tinha uma temática ênfase para uma capa própria, apesar de todas terem as mesmas temáticas de abordagem. Os modelos também foram escolhidos com base na ideia de como representar o tema em forma de imagem e, assim, os modelos (os próprios estudantes) fossem selecionados.
2. **Dia da foto.** Em algumas horas-atividade, pedi autorização da pedagogia e de alguns professores e chamei os alunos responsáveis pela capa para uma sessão de fotos no pátio. De acordo com as propostas das capas¹⁵, fizemos as fotos. Destaco aqui para afinidade que tenho com fotografia e design e a possibilidade de levar uma máquina fotográfica semiprofissional. Entretanto, é plenamente viável fazer as fotos e os trabalhos de criação gráfica com máquinas de celulares e o uso de aplicativos.
3. **Montagem e entrega.** Foi marcado um dia para a montagem da revista. Aqui, todos os alunos já tinham elaborado seus trabalhos no computador e estruturado em forma sistemática para visão e apreciação do leitor. Levei ainda folhas A3 (29,7cm x 42cm) para serem dobradas em forma de revista e usadas para colagem. Na sequência, os alunos começaram o processo de montagem. Fiquei responsável pela impressão e design das capas e pelos pôsteres que foram colados no pátio da escola. É importante destacar que todo esse processo pode ser feito pelos estudantes. Entretanto, nesta primeira experiência, até por conta do ineditismo, eu precisava ter um controle maior sobre alguns processos. Além disso, em 2014 não tínhamos tanto acesso a aplicativos que ajudassem em um processo mais rápido.

¹⁵ Retomar a figura 3- Capas

Nesse sentido, cabe ressaltar que a condição para a elaboração dessa revista foi o conhecimento sociológico prévio. Para tanto, os estudantes tiveram dispositivos sociológicos para usar no momento que usavam técnicas jornalísticas para simplificar conteúdos mais elaborados para um entendimento de leigos e, claro, aplicar dimensão da realidade social que eles se encontram. Conforme aponta Ileizi (2005) em uma proposta de minicurso¹⁶ com o tema A Imaginação Sociológica: desenvolvendo o raciocínio sociológico nas aulas com jovens e adolescentes:

Os pressupostos teóricos e metodológicos para o ensino de sociologia devem ser buscados no acúmulo de elaborações da ciência, ou seja, nesses cento e cinquenta anos (mais ou menos) de construção da sociologia, o volume de pesquisas e teorias produzidas criaram lógicas, formas de pensar os fenômenos sociais que nos informam sobre os modos de pensar sociologicamente. Temas clássicos foram trabalhados por grandes pensadores, que se tornaram clássicos e, que são recorrentes nas pesquisas contemporâneas. É aí que devemos buscar nossos pressupostos de ensino (ILEIZI, 2005, p. 3).

Ou seja, é imprescindível o acúmulo dos conteúdos de sociologia para que haja a efetivação da revista, uma vez que os estudantes se apoiaram no saber sociológico para refletir e ampliar seus saberes de maneira interdisciplinar. Com esses pressupostos encaro uma experiência que precisa ser aprofundada, já que foi por meio da produção dessa revista que, no meu primeiro ano de trabalho docente, desempenhei na prática as possibilidades de desenvolver formas que concilhassem o ensino dos conteúdos de sociologia (homofobia, machismo, cultura jovem, por exemplo) às habilidades dos alunos com as novas tecnologias da informação e comunicação.

Essa primeira experiência desenvolveu meu olhar às ações docentes em meio aos desafios das salas de aulas. Os estudantes que fizeram parte dessa primeira experiência vivenciaram uma professora que também estava vivendo sua primeira experiência em sala de aula como professora titular.

Destaco aqui para minha formação pibidiana durante a graduação. Apesar

¹⁶Roteiro apresentado no minicurso do Simpósio Estadual de Sociologia, promovido pela Secretaria de Estado de Educação do Paraná, nos dias 20 a 22 de junho de 2005, em Curitiba-Pr.

de estar em sala de aula frequentemente, não tinha a responsabilidade de conduzir uma disciplina em um ano levito com vínculos formais como professora responsável inteiramente pela aquela turma. De toda forma, perceber o funcionamento da lógica das salas de aulas não me era estranho.

Em cada turma do 2º ano, alguns estudantes se destacavam pelo seu “mau comportamento”: conversas paralelas durante as explicações; dormidas em sala de aula; confusões com outros colegas; o não comprometimento com as atividades propostas; notas baixas; suspensões; saídas frequentes; ou até mesmo um aluno considerado por todo o corpo docente como um aluno “problema”. Mas é diante dessas condições que destaco uma experiência dessa época como importante para compreender a dimensão do impacto da elaboração da revista de sociologia para esses estudantes.

A revista como proposta que fugia dos padrões tradicionais de aula permitiu a esses estudantes um protagonismo que as outras aulas de sociologia não possibilitavam. Se de um lado ela dava voz e protagonismo, de outro cativava os alunos que, na verdade, queriam fazer parte do processo de ensino e não ficar, na sua maioria das vezes, estáticos, apenas sendo o receptor de conhecimentos. Por isso, pensar em atividades que envolvam um projeto para produção coletiva do conhecimento pode ser uma boa estratégia para integrar esses estudantes. Segundo Gilberto Lacerda Santos:

Outra importante característica dos projetos de aprendizagem residem no fato de que eles rompem com a rigidez da sala de aula, com os horários estabelecidos, com o currículo, com as sequências didáticas estabelecidas pelos programas escolares, com os pré-requisitos, com o espaço, com o tempo, com as hierarquias, de modo que a relação educativa seja verticalizada no que se refere às interações alunos professores e alunos-alunos (SANTOS, 2003, p. 51).

Destaco para a participação de dois alunos que faziam parte dos alunos considerados “problemas”, mas que durante o projeto da revista se dedicaram, debateram e tiraram boas notas no projeto da revista. Considero, com base em Santos (2003), alguns pontos relevantes para tornar esses tipos de alunos em potenciais participantes das aulas de sociologia: 1) a rigidez da sala de aula é

rompida, portanto, esses alunos passam a se sentirem mais relaxados, uma vez que não existe uma figura hierárquica em sala de aula e, portanto, ninguém para eles confrontarem de forma direta. 2) O trabalho para a produção do conhecimento passa do individual para o coletivo, onde os trabalhos em grupo reforçam o apoio e os saberes. 3) Temas pertinentes e interessantes os fazem trazer suas experiências vividas para a aprendizagem em sala de aula e por isso tudo ganha mais sentido ao aprender. 4) Ser protagonista os tornam líderes assertivos e não mais subversivos. Assim, a sala de aula e os colegas acabam sendo respeitados e respeitando mais. Esses pontos me fazem refletir também sobre como Bell Hooks (2013) propõe uma pedagogia do engajamento, em que destaca que é fundamental para que essa pedagogia seja radical o reconhecimento da presença de todos:

Mas o entusiasmo pelas ideias não é suficiente para criar um processo de aprendizado empolgante. Na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros. Qualquer pedagogia radical precisa insistir em que a presença de todos seja reconhecida. (HOOKS, 2013, p. 17).

Ou seja, o professor deve lançar um olhar estratégico para sala de aula, levando em consideração as especificidades de maneira geral, mas também as peculiaridades de cada sala e com um objetivo claro: inserir todos no processo de aprendizado e para isso é preciso criar “práticas pedagógicas em nossa sociedade e criar novas maneiras de saber, estratégias diferentes para partilhar o conhecimento” (HOOKS, 2017, pg. 15-18).

REVISTA DE SOCIOLOGIA COMO FERRAMENTA DE ENSINO

4.1 SEGUNDA EXPERIÊNCIA: CONTEXTOS E TURMAS

A escola é o palco geral onde todas as cenas são feitas. É nessa estrutura física que se compõe o funcionamento do sistema de ensino, mas também é espaço de interações sociais, dinâmicas e cheia de conflitos. Paulo Freire, em uma poesia, aborda essa dimensão que vai além das paredes da escola:

[...] o lugar que se faz amigos. Não se trata só de prédios, salas, quadros, Programas, horários, conceitos... Escola é sobretudo, gente que trabalha, que estuda que alegra, se conhece, se estima. (A escola é, Paulo Freire)¹⁷

Nesse sentido, é preciso entender que as escolas são únicas em suas características e, por isso, detalhá-las é o caminho para compreender como os processos de aprendizagem acontecem. Dentro desse contexto, o livro *A maior "zoeira" na escola: experiências juvenis na periferia de São Paulo*, de Alexandre Pereira (2017), ajuda a construir uma trajetória do campo de pesquisa, uma vez que o contexto social, econômico e questões geográficas dizem muito sobre os resultados alcançados no processo do trabalho.

A escola da presente intervenção pedagógica fica localizada no bairro São Braz na cidade de Curitiba-PR. Uma localização central, na avenida principal do bairro, Av. Vereador Toaldo Túlio, com paradas de ônibus próximas e uma estrutura de trânsito organizada, com faixa de pedestre e placas de sinalização referentes à escola. Tais aspectos são importantes serem citados uma vez que não são existe

¹⁷ Poesia de Paulo Freire. Disponível no site:
<https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/08/poesia-escola-paulo-freire-com.html>

em todas as escolas estrutura, dada a condição dos bairros e negligência por parte do poder público.

O bairro São Braz tem uma população de aproximadamente 23.559 pessoas, cerca de 7.926 domicílios e é vizinho de um polo cultural da cidade, Santa Felicidade, tradicionalmente conhecida por sua origem italiana e, por isso, justificando em muito os 83,37%¹⁸ de sua população classificada como branca.

A escola é uma das mais tradicionais do bairro e oferece um serviço para uma população que, segundo o IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba), tem uma taxa de alfabetização de cerca de 98,02%, considerando pessoas com 10 ou mais anos de idade. São indicadores que revelam as condições de uma classe que teve acesso à educação. A fundação da escola data de 1952 quando seu nome ainda era “Escola Isolada”, mas foi em 1964¹⁹ que houve uma expansão no atendimento às crianças em idade escolar. Até 2009, essa escola só atendia ensino fundamental e, a partir desse ano, com a Resolução 2383/2009, o colégio passou a ofertar ensino médio.

Localizada em uma esquina e ao lado de um dos principais supermercados do bairro, a escola tem uma estrutura física comum às escolas públicas do Estado, ou seja, composta por sala dos professores, secretaria, sala do diretor e sala pedagógica, além da sala de informática e biblioteca. São seis turmas que compõem o quadro do Ensino Médio, que acontece pelas manhãs, assim divididos: dois primeiros anos, dois segundos anos e dois terceiros anos. Contando ainda com um amplo refeitório, a escola tem sua estrutura dividida em térreo e piso superior. O pátio é amplo e conta com uma quadra coberta para as aulas de educação física. Esse espaço ao ar livre também pode ser usado para a prática de tênis e tênis de mesa.

Em 2019, a escola sofreu um processo de desgaste de sua imagem perante o público, decorrente do considerável declínio do seu porte, uma espécie de classificação realizada pela Núcleo de Educação. Por conta disso, a escola

¹⁸ Todos os dados do parágrafo são retirados do site do IPPUC:
<http://www.ippuc.org.br/nossobairro/anexos/60-S%C3%A3o%20Braz.pdf>

¹⁹ História contada pelo próprio site do colégio, disponível em:
<http://www.ctasaobraz.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=33>

vivenciou a experiência de ter um tutor enviado pela Secretaria de Educação com o objetivo de fazer mudanças na estrutura e, principalmente, na área pedagógica e didática dos professores. Assim, estávamos cotidianamente sendo orientados a agir e elaborar didáticas que atendessem às diretrizes da Secretaria. Entretanto, há muitas falhas nesse processo já que apenas existem orientações para as mudanças, mas não um treinamento ou um entendimento do que é preciso mudar para melhorar a situação da escola.

A preocupação da direção da escola encontra-se em torno de um indicador de rendimento de 2017, que foi de 4,01 para o Ensino Fundamental. Os resultados para o Ensino Médio não foram calculados devido aos estudantes do 3º ano não terem realizado as provas, pois não estavam presentes no dia da aplicação²⁰. Em 2009, o IDEB²¹ chegou a 4,7, revelando que a escola já viveu momentos bons com relação aos níveis escolares dos seus alunos. Nos últimos anos, entretanto, com um baixo IDEB e com uma imagem negativa no bairro por ter um ensino considerado “fácil”, o colégio vive uma crise e tenta se reerguer. O reflexo disso é o incentivo a novas didáticas que incluam positivamente os jovens em uma relação produtiva com o professor, a aula e a própria escola.

É nesse aspecto que a revista foi bem-vista pelo diretor e pelas duas pedagogas, permitindo que o trabalho não tivesse tantos entraves nas autorizações e auxílios da equipe pedagógica. Este projeto foi incluído no planejamento semestral de aulas, com a devida avaliação da equipe pedagógica. A direção da escola foi comunicada por conta da dinâmica diferenciada do projeto, que exigia a realização de atividades fora da sala de aula e em horários alternativos. Por uma questão metodológica, optei por não comunicar o caráter acadêmico da atividade à direção e aos alunos. A justificativa era a preservação das condições naturais da escola e seus atores, preservando, assim, uma maior fidedignidade dos resultados obtidos no trabalho.

Apesar da aceitação e da inclusão da revista no planejamento, houve algumas tensões com relação ao uso de materiais e impressões na secretaria, uma

²⁰ Quando os estudantes sabem que vai realizar uma prova que não vai ter valor para as disciplinas, acabam recuando e não fazendo a prova.

²¹ Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

vez que colégio nem sempre se dispôs a realizá-las quando necessário. Essas questões geraram pontos de inflexão no processo da elaboração de qualquer atividade pedagógica para a escola, já que causa desmotivação e sentimentos de frustrações em quem está produzindo. Esses problemas de entraves ao elaborar uma atividade que fosse necessária para melhorar as condições pedagógicas da escola e motivasse os alunos a participarem mais das atividades foram levados ao conselho de classe para que houvesse uma reflexão desta contradição que afetava o funcionamento de projetos que poderiam ser bons para a escola.

Cèlestin Freinet é um filósofo francês que propõe uma metodologia com base no “*método natural de aprendizagem*” (2012) e destaca para um caminho de autonomia, responsabilidade e do despertar do conhecimento pelos próprios estudantes por meio da relação dialética teoria e prática. Ao conhecer a pedagogia escolar de Freinet, esse projeto ganhou ainda mais contornos de sua importância, pois reelabora um veículo jornalístico para uma ferramenta pedagógica que se volta para desenvolver habilidades de autonomia, produção do conhecimento em face das próprias experiências vividas pelos estudantes, cooperação e senso crítico e o trabalho em equipe. Ao elaborarem uma revista, os estudantes se tornam protagonistas do conhecimento com liberdade para escrever, pesquisar e utilizar da criatividade para explorar determinado assunto; o que, de fato, é o cerne que move a dinâmica dessa revista nas aulas do ensino médio e confere um sentido mais prazeroso no processo de ensino-aprendizagem.

Por meio desses esforços, é possível construir alternativas para propagação do saber sociológico no ensino básico. Construir caminhos para superar as adversidades da expansão da sociologia nos espaços de poder faz parte da sua própria história e, por isso, continuar seguindo esse caminho é a função dos pesquisadores e professores que compõem essa resistência frequente, tendo a academia como ambiente para que novas vozes e experiências se concretizem na difusão do conhecimento.

4.1.1 Gestão da Escola

O ano de 2019 também foi marcado pela troca de diretores. O então diretor estava esperando a sua aposentadoria para sair do cargo, o que contribuiu para que estivesse cada vez mais afastado dos problemas da escola. Era nítido, no decorrer do trabalho, que esse momento de espera da aposentadoria o deixava mais distante dos problemas presentes e futuros da escola. Esse afastamento, não diz respeito às atividades diárias que desempenhava enquanto diretor, mas não estava mais conectado aos projetos futuros que a escola precisava planejar para voltar aos índices esperados pela Secretária de Educação do Estado²².

Em agosto de 2019 o então diretor se aposentou, antes do fim do seu mandato. Para concluir esse ciclo final, o Núcleo de Educação enviou um diretor substituto enquanto as eleições para diretor não acontecem no Estado. A postura do atual diretor revela mudanças profundas no que diz respeito à dinâmica pedagógica da escola. Com formação em pedagogia e experiência como tutor de escolas do Paraná, ele retoma trabalhos pertinentes com relação as ações pedagógicas e didáticas dos professores e, além disso, dedica o final do ano de 2019 para uma reforma completa na escola, envolvendo a comunidade do bairro com as atividades da escola.

Em um curto intervalo de tempo, o atual diretor mobiliza e incentiva os professores a trabalharem em prol da escola e com base nos números do IDEB com foco na melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem dos estudantes do Ensino Fundamental e Médio da escola. Os desafios são muitos, mas em face de uma posição de direção em uma escola de um bairro relativamente tradicional de Curitiba, o esforço de fazer a mudança acontecer e elevar a escola a uma melhor imagem diante da comunidade escolar e melhorar os números da escola em face dos índices cobrados pela Secretaria de Educação foram motores para as mudanças que aconteceram. Com a pandemia²³, no entanto, muitas atividades foram interrompidas, o que provocou mudanças profundas nas ações pedagógicas

²² IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

²³ Dia 20 de março de 2020 as aulas são encerradas em todo o estado do Paraná como medida preventiva do contágio do novo coronavírus (Covid-19).

junto aos alunos e comunidade escolar.

A aplicação da revista se deu pouco antes da mudança de gestão. Incluída no planejamento das aulas trimestrais de sociologia, foi uma atividade mais estrita às aulas e realizada com o suporte da escola em decorrência das necessárias atividades extraclasse bem como com as ferramentas de apoio para os grupos de trabalho dos estudantes. Nesse contexto de mudança de direção, destaco um ponto importante quanto à postura da direção frente a projetos pedagógicos: incentivo a elaboração de atividades diferenciadas que envolvam uma participação mais efetiva dos estudantes. Passar por duas gestões tão diferentes em meio a aplicação de um projeto que envolve atuação dos estudantes na escola é fundamental que a equipe pedagógica e a direção estejam dispostas a contribuir com o apoio necessário para o professor e estudantes, isso faz muita diferença.

O trabalho do diretor de escola é pleno de encontros e desencontros, conflitos, desafios e realizações. É muito comum que a realidade do cotidiano e exigências diversas o afastem daquilo que tinha em princípio, como propósito. Por isso, é possível perceber como as equipes escolares anseiam por presença, atenção, sugestões decisões e encaminhamentos por parte do diretor (LIMA, 2007, p. 37-38).

Diante dessa experiência, compreendo que o papel da equipe gestora é muito importante para a autonomia dos docentes em relação às suas metodologias e didáticas de ensino. Segundo Lima, apesar da rotina burocrática que a direção da escola tem, é importante que os docentes sejam orientados e encorajados pelo diretor, fazendo parte de uma escola democrática.

Democratização a que nós entregamos inteiros. Na divisão de Educação, a da escola, a das diferentes relações que nelas se estabelecem -educadores, educandos, pais, mães, zeladores, educadores, escola, comunidade. Democratização da escola quanto à sua maneira de compreender o ato de ensinar (FREIRE, 2003, p. 125).

Uma escola democrática se faz com a presença e participação de toda a comunidade. O ato de ensinar é em si democrático e, por isso, Freire (2003) nos mostra que desenvolver cada ação didática requer uma estrutura fundamentada no

processo de participação ativa dos agentes escolares, apesar de saber que estávamos distantes de uma gestão idealmente democrática, até por limitações estruturais.

4.1.2 Descrição das duas Turmas

A revista de sociologia foi aplicada em duas turmas de 2º ano de uma escola no bairro São Braz. Essas turmas (A e B), localizadas uma ao lado da outra, são compostas de alunos e alunas com idades entre 15 a 17 anos, com uma média de 35 estudantes em cada sala. Apesar dessas semelhanças, elas têm características muito próprias e, por meio de uma abordagem sociológica, pretendo refletir sobre essas características e como elas interferem no processo da construção da revista de sociologia e da compreensão do saber sociológico vinculado à uma ampliação das próprias vivências dos estudantes de cada turma.

A descrição das turmas que fizeram parte do projeto foi importante para que eu, enquanto professora e pesquisadora, pudesse ter um olhar atento para a influência que as identidades e as próprias características das turmas interferissem no processo de elaboração de um projeto pedagógico. De um lado, isso possibilitou criar estratégias de engajamento e comprometimento da turma em relação a elaboração da revista. Por outro lado, isso revela a diversidade que o professor tem que encarar para a inclusão cada vez mais necessária em atividades quem envolvessem a juventude e etapas de trabalho mais dinâmicas.

Pereira (2010) aponta para a relação da escola com a juventude e levanta que existe uma reinvenção da escola por parte desse público e vice-versa. O autor pensa a juventude num processo dinâmico no contexto de construção sócio-histórica. Além disso, as identidades dos jovens sofrem outro processo de reinvenção com as novas tecnologias. São três eixos que se entrelaçam e formam, atualmente, a comunidade escolar. Reflexo disso é pensar essas maneiras de se expressar no mundo enquanto indivíduos jovens e como se relacionam com a escola e com o processo de ensino-aprendizagem.

Diante dessa diversidade, é importante também pensar sobre o que é próprio desses grupos juvenis e dessas expressões individuais. Como aponta Ferreira

(2008), é preciso compreender as “categorias nativas” e romper com as análises homogeneizadas da juventude. Para tanto, essa pesquisa com foco nos jovens dessas duas turmas pretende pensar como a cultura juvenil e a necessidade do uso de novas tecnologias influencia no processo de ensino-aprendizagem e como, especificamente, ela percebe a sociologia.

Silva (2007) destaca uma agenda para pensar a sociologia no Ensino Médio. Nessa agenda, ela reforça o papel da sociologia na formação dos adolescentes e aponta que isso depende do tipo de escola, de ensino médio e de currículo que será definido ao longo da história. A revista de sociologia, além de ser um material didático, é em si uma metodologia de ensino que visa responder à seguinte pergunta norteadada por Silva (2007) na agenda: *O quê e como ensinar os jovens e adolescentes?* A resposta para isso vai de encontro com o suporte para ensinar sociologia, onde mergulha no presente (SANTOS, 2002), que é o espaço da experiência para criar caminhos mais viáveis no aqui e agora da juventude. O uso dessa revista também oferece inúmeras maneiras de pensar alguns dos desafios da sociologia no Ensino Médio. Destaco esses desafios em aliar o saber do conhecimento do senso comum ao saber científico e para o uso das TDICs (tecnologias de informação e comunicação) pelos jovens e, conseqüentemente, por todo o sistema escolar.

4.1.2.1 Atividade sobre identidades

Em um dado momento do trimestre, perpassando pelo conteúdo de identidade cultural, propus que cada aluno escrevesse um pequeno texto contando um pouco dos grupos sociais que influenciam suas identidades e como seus nos corpos e comportamentos expressavam essa influência. A ideia era que eles percebessem como cada um constrói sua identidade por meio de outros grupos culturais e como esses agrupamentos influenciam em quem somos no dia a dia. Minha observação das identidades foi sistematizada a partir do visto dado em cada caderno.

Essa atividade não estava associada ao projeto da revista, mas serviu como

uma espécie de diagnóstico das turmas. Conhecer os grupos identitários que estão ligados aos alunos ajuda muito a compreender como eles enxergam e se relacionam com a vida social. Essa pequena atividade não faz parte do projeto, mas, por meio dela, percebi como é importante conhecer os perfis identitários das turmas para qualquer projeto que o professor esteja pensando em desenvolver. Os conflitos, a forma de como se engajam nas etapas, a maneira como trabalham em grupo, o comprometimento com a entrega é muito visível quando temos em mãos, razoavelmente, conhecimento das suas vivências e experiências sociais.

4.1.2.2 Turma 1

O 2º ano '1' é uma turma caracterizada por sua diversidade de gênero, sexualidade e estilos. Traços de identificação com grupos religiosos, envolvimento com o feminismo e comunidades LGBTQ+, além da predileção por músicas como o rap e o funk perpassavam a turma que, de alguma maneira, ao adentrar em sala de aula, essas identidades são reprimidas pela uniformização estrutural do sistema escolar. No entanto, elas continuam presentes no subjetivo de cada um, pulsando para ser expressa. Nessa turma, em especial, os estudantes demonstram estarem resolvidos com suas identidades e, por isso, há uma percepção maior de unidade e comprometimento uns com os outros, refletindo assim no próprio desenvolvimento das atividades avaliativas e pedagógicas.

Pedro no registro, mas Pietra na sua identidade de gênero, apresenta-se e se reconhece como uma menina; assim a turma vive uma experiência em compreender e respeitar uma realidade não tão comum nas escolas. Nessa mesma sala, temos a Talita e a Julia que não são só amigas, são namoradas e vivem seu relacionamento abertamente. O Gael é um garoto com estilo próprio, sua homossexualidade representa ainda mais a popularidade que tem na turma, uma voz assertiva e um controle sobre as ações dos colegas, sempre tinha a sensação de que nada o abalava, fazendo com que a turma mais o admirasse do que o julgasse.

Além disso, a turma também é composta por jovens bastante religiosos e

outras militantes de causas feministas. A percepção dessas características se deu nas conversas do cotidiano e, na observação da turma durante as aulas de sociologia, além disso a atividade em que os estudantes escreveram sobre as influências de grupos sociais em suas identidades contribuíram para compreender mais as características da turma.

4.1.2.3 Turma 2

A turma 2 é marcada por conflitos e intrigas. A diversidade de identidades tem marcas em grupos religiosos, regionais, LGBTQ+, feminismo, cultura nerd e geek e os que se consideram como um “grupo de usuários”²⁴. Interessante observar que, apesar de saber o que cada um expressa nos seus corpos e maneira de agir, as expressões das identidades são mais retraídas e forçadas em nome da convivência, uma vez que não se tem muito diálogo e unidade entre os próprios alunos. Reflexo disso é a dificuldade que se apresentava no momento de montar grupos para realizar os trabalhos. Às vezes, alguns alunos faziam sozinhos os trabalhos e outros apenas em dupla com o objetivo de não se “misturar” com os demais. Assim, a turma se torna um desafio em reparar os conflitos e criar um clima mais de amistosidade, o que, como consequência, reflete também na aplicação da revista de sociologia.

Durante a aplicação da revista essas características se manifestaram bastante, refletindo nas dificuldades das etapas de produção. A primeira delas foi a organização para montar os grupos, muitas intrigas e desentendimentos, resultando até em grupos que se transformaram em duplas para a realização da parte da revista. Aqui, destaco novamente a importância de o docente compreender as características da turma, uma vez que as estratégias para lidar com os problemas podem ser mais eficazes. Exemplo disso foi que, partindo da compreensão das identidades dos grupos e da relação entre eles, pude interferir de forma a conversar e incluir melhor os grupos no trabalho, tentando sempre incentivar e diminuir as

²⁴ Alguns alunos se posicionaram nos textos sobre sua identidade o uso de drogas e cigarros, entretanto eles reforçam que são meninos bons e da relação estreita com suas mães.

confusões entre eles. Mas, no momento da escolha do nome da turma e das decisões coletivos, os conflitos tomam de novo o centro das atenções. Ser firme e ter uma conversa mais seria deve ser o ponto chave para ter o controle da turma e focar no que realmente importava: o desenvolvimento de um projeto que gerasse a nota daquele trimestre.

Os jovens são os protagonistas das escolas. Tudo funciona com o objetivo de olhar para suas necessidades e oferecer sempre uma educação de qualidade que objetive um ensino-aprendizado voltado para a formação cidadã. Meucci (2015) aponta que as bases da Sociologia como disciplina se fixaram no processo de democratização e observa que a sociologia oferece instrumentos que ajudam os jovens reconhecer suas singularidades de valores sociais e culturais. Diante disso, desenvolver ferramentas de ensino que coloque esses jovens em destaque, unindo conhecimento científico com as singularidades do seu cotidiano é um desafio que deve ser encarado pela sociologia na educação básica.

4.2 APLICAÇÃO E DESAFIOS

A revista de sociologia foi estruturada como um projeto que se deu ao longo de duas semanas, contabilizando quatro aulas para cada turma. No primeiro momento, a revista foi apresentada em forma de slide²⁵, como uma produção única e coletiva, mas que cada grupo ficaria com duas páginas para produção de matéria com conteúdos relacionados aos de sociologia e com proposta de temas específicos. O primeiro desafio seria apresentar a proposta e se fazer entender nos processos de elaboração do material. Assim, foi destinada uma aula com apresentação de slide em um telão na sala de informática para cada turma.

O primeiro passo foi falar do que se tratava o projeto e apresentar suas etapas. Esse momento aconteceu em sala, no final de uma aula. Era a última aula na turma A e ela estava ansiosa para sair; alguns gostaram da ideia do projeto outros acharam que era muito trabalho para ter que ser feito. A turma B, por seu turno, gostou da ideia, mas, pelos conflitos de relações, começaram a imaginar a

²⁵ Figura 7 – Slides apresentados para as turmas 1 e 2.

constituição de grupos visando excluir de imediato colegas dos quais não queriam trabalhar em conjunto. Destaco para outro ponto desafiador: a democratização do debate em torno do que seria produzido.

Importante ressaltar a importância do(a) professor(a) em ter o controle da dinâmica das atividades, pois, ao mesmo tempo que propõe um debate democrático em tono do projeto que tem como característica um processo de trabalho mais longo, também vai intermediar para promover a revista como forma de atividade avaliativa e, dessa forma, ser obrigatória na rotina trimestral de avaliações da escola. O debate é importante para conscientizar os estudantes de que a revista envolve uma dinâmica que eles não estão tão acostumados a fazer, em detrimento das avaliações tradicionais, ainda bastante comuns no Ensino Médio.

O segundo momento aconteceu na outra aula com a apresentação em forma de slide da proposta da revista. Por ter sido planejada em uma série de etapas, é importante apresentá-las de maneira clara, antes do início efetivo dos trabalhos. No primeiro slide foi explicado que a revista seria um produto jornalístico e que a 'linha editorial' teria como base o conteúdo das aulas daquele 2º trimestre; tudo sob a supervisão e orientação docente. Também foi proposto que os grupos tivessem no máximo cinco pessoas com o objetivo de ser compatível com a quantidade de temas que seria abordado.

Os temas também já estavam estruturados e fechados para serem trabalhados em cada grupo. Neste momento, o(a) professor(a) deve ter o controle do que vai ser abordado na revista, pois estes devem estar de acordo com os conteúdos já ministrados e compreendidos pelos estudantes. A revista se inclui aqui como uma ferramenta interdisciplinar, em que os estudantes farão uso da aprendizagem anterior da sociologia para compreender um contexto mais amplo e prático do processo de aprender e fazer associações com a própria realidade.

Os temas propostos foram:

1. Cultura Jovem;
2. Identidade Virtual e Real;
3. Globalização e o Processo de Imigração

4. Cultura e Nacionalismo;
5. Redes Sociais;
6. Indústria Cultural;
7. Ligados na Crítica.

Em cada tema, o grupo era livre para fazer suas análises e compor sua parte da revista. Exemplo disso foi que no tema ‘Globalização e Processo de Imigração’ o grupo entrevistou uma aluna venezuelana que veio morar no Brasil por causa das condições econômicas e sociais do seu país de origem. Assim, os conceitos estudados serviram de análise para compreender o que foi dito na entrevistada.

Após a exposição da dinâmica, transitei com sentimento de alívio pelo aceite da turma e de preocupação, pois ainda iria precisar de mais uma aula para concluir a parte da explicação do processo de produção da revista.

Na aula seguinte, foi o momento de tomar decisões mais coletivas. A turma deveria escolher alguns pontos importantes para estrutura geral do material como, por exemplo, nome da revista, tema central da capa, layout da capa, estudantes modelos que fariam parte da capa e os responsáveis pela elaboração do design em softwares específicos de edição. Esse último recurso foi necessário uma vez que a revista usaria tanto processos manuais quanto tecnologias digitais na hora da edição das produções de cada grupo²⁶.

Elaborar uma proposta que envolve decisões coletivas é sempre desafiador. Conciliar processos democráticos e, ao mesmo tempo, ter o controle sobre os conflitos que se dão nessa esfera não é tarefa fácil para os professores. Dentro desse contexto, a escolha do nome da revista gerou muitos debates e foi preciso acionar outros conceitos da sociologia, inclusive a compreensão do que seria uma escolha que tomada dentro de um ambiente democrático. Expliquei para as duas turmas que eu colocaria no quadro todas as sugestões de nomes que fossem dadas. Depois, por meio de votos, aquela mais votada ganharia seu lugar na capa da revista da turma. A partir daí expliquei que os processos democráticos

²⁶ Optei pelo estilo de ensino híbrido, onde parte do processo era feito de forma online com pesquisas e produção de parte gráfica da revista e a outra em sala de aula com a produção manual da revista e as orientações necessárias da professora.

aconteciam não com a vontade de todos, mas de uma maioria e que era importante respeitar e aceitá-la, pois todos tiveram a oportunidade de participar da sugestão e da escolha. É dentro dessas situações que o professor pode usar a própria sociologia como ferramenta para intermediar os conflitos e chegar a decisões mais coletivas e justas.

O tema central da capa deveria ser compatível também com o *layout* e fotos, como qualquer capa de revista disponível no mercado. O tema da capa deveria ser um dos temas proposto. A turma A, depois de algumas sugestões que íamos colocando no quadro como uma chuva de ideias, decidiu pelo nome 'Profeta Diário'. Enquanto a turma B, que também passou pelo mesmo processo de escolha, decidiu pelo nome de revista 'Informe CESX²⁷'. A escolha ocorreu por votação com levantamento das mãos e registro no quadro e o nome mais votado, como já compreendido na democracia, ganhava o posto de nome da revista da turma.

Com os nomes definidos, a foto de capa deveria estar relacionada com o editorial sobre cultura. Foi o momento de escolher quem iria compor a capa e posar para as lentes da câmera. Dois pontos importantes para esse momento e que também compõem o quadro de desafios. O primeiro é que antes era preciso saber o que vai ser expresso na capa e, por isso, os grupos deveriam decidir, criar e usar a imaginação para elaborar uma fotografia que expressasse o trabalho coletivo. O segundo foi a minha participação na produção da capa, uma vez que eu tenho máquina semiprofissional e possuo um razoável conhecimento de fotografia. Para criar um engajamento, disponibilizei-me a fazer as fotos que os alunos estavam planejando e depois entregaria para os responsáveis que iriam elaborar a capa.

Encarar um projeto como esse envolve estar em constante contato com os estudantes e, por isso, o professor deve ser o ponto chave para conseguir que a atividade siga adiante, conforme toda a proposta e cronograma. Incentivar, cobrar, elaborar, ajudar, guiar e tirar todas as dúvidas possíveis para que os erros sejam resolvidos antes da produção final da revista.

Ainda no segundo dia da apresentação dos slides, como orientadora do projeto, expliquei o que deveria conter no tema de cada grupo responsável por parte

²⁷ Sigla da escola.

da revista. Essa segunda experiência da revista me fez perceber que quanto mais eu tivesse controle sobre as orientações dos conteúdos, mais eu conseguiria atingir os objetivos de aprendizagens e, com esse entendimento, elaborei sugestões para cada temática. Entretanto, o grupo poderia incluir ou excluir informações ou ideias.

Organizei da seguinte maneira as orientações de pauta para cada grupo:

1. Cultura Jovem

- Sugestão: pesquisar com os colegas da própria escola sobre: o que é ser jovem nos dias de hoje? Quais os gostos musicos, os esportes e os interesses desse público?
- Planejar mais perguntas relacionadas ao direcionamento da pauta.
- Não esquecer: fazer fotos (pedir as respectivas autorizações).

2. Identidade Virtual e Real

- Sugestão: exemplo de uma blogueira ou blogueiro ou até mesmo de uma celebridade; tentar mostrar a vida que se constrói nas redes sociais em comparação com a vida real.
- Exemplo de personagem: youtuber Whindenson Nunes.
- Não esquecer: fazer fotos ou salvar fotos da internet (com a reprodução da respectiva fonte).

3. Globalização e o Processo de Imigração

- Sugestão: Explicar o processo de globalização tendo como ponto de partida a realização de uma entrevista com algum imigrante.
- Sugestões de perguntas: quais as motivações para sair do país de origem? Como é a experiência de morar no Brasil? Quais as dificuldades enfrentadas como imigrante?
- Pesquisar mais sobre o assunto e planejar mais perguntas à fonte.
- Não esquecer: fazer fotos ou usar fotos da internet (pedir autorização e citar as respectivas fontes, quando for o caso).

4. Cultura e Nacionalismo

- Sugestões: usar como ponto de partida algumas manifestações da identidade brasileira (carnaval ou feijoada) para abordar a história e a relação com a construção do nacionalismo.
- Pesquisa com os colegas da escola sobre: o que te faz brasileiro? Organizar na revista essas características do “ser brasileiro(a)” a partir das respostas dos entrevistados.
- Não esquecer: fazer fotos ou usar fotos da internet (pedir autorização e citar as respectivas fontes, quando for o caso).
- Pesquisar mais sobre o assunto e planejar mais perguntas às fontes.

5. Redes Sociais

- Sugestões: pesquisar com os colegas da escola sobre quais redes sociais mais utilizam.
- Relatar no texto a história de cada rede social.
- Abordar a influência das redes sociais na cultura.
- Não esquecer: fazer fotos ou usar fotos da internet (pedir autorização e citar as respectivas fontes, quando for o caso).
- Pesquisar mais sobre o assunto e planejar mais perguntas às fontes.

6. Indústria Cultural

- Sugestões: pesquisa com os colegas da própria escola sobre o que consomem de cultura (livros, filmes e músicas) e questionar sobre a relação desse consumo com a indústria cultural.
- Não esquecer: fazer fotos ou usar fotos da internet (pedir autorização e citar as respectivas fontes, quando o caso).
- Pesquisar mais sobre o assunto e planejar mais perguntas às fontes.

7. Ligados na Crítica

- Sugestões: indicar filmes, documentários, livros e músicas relacionadas à cultura jovem.

- Não esquecer: fazer fotos ou usar fotos da internet (pedir autorização e citar as respectivas fontes, quando for o caso).
- Pesquisar mais sobre o assunto e planejar mais perguntas às fontes.

A turma A era mais organizada quanto à liderança em torno de um aluno, que conseguia se expressar e colocar sua opinião de maneira que todos ouviam e, ainda que não concordassem, acabavam chegando juntos a um consenso. Por isso, ao escolherem cinco alunos entre meninas e meninos, a capa se tornou a expressão das suas juventudes e diferenças identitárias.

Na turma B, por sua vez, havia algo de mais conflito e, para se chegar a decisões coletivas, envolvia mais dificuldades e, conseqüentemente, mais negociações. A exemplo do que ocorre em muitas salas de aula, nesta turma havia uma garota que também exercia em torno de si um controle da turma e conseguia operacionalizar as decisões e ações do projeto. Como decisão para a capa, decidiram tirar um retrato de cada integrante da turma para criar um mosaico de rostos. Apesar de ser mais trabalhoso, tentei ao máximo não interferir e criar uma organização para que aquilo se efetivasse.

Depois desses momentos de escolhas e criações coletivas em sala de aula, tivemos que marcar outro momento para as fotos. Dediquei duas horas-atividade para fazer as fotos nos espaços da própria escola. A direção e pedagogia foram comunicadas de que haveria alunos desenvolvendo trabalho fora de sala. Além disso, o professor que estava em sala naquele horário das turmas foi comunicado e solicitado que liberasse alguns alunos²⁸. Na turma A, chamei os estudantes que iriam fazer parte da capa e começamos a fotografar. Foi muito divertido, eles faziam pose, sorriam e se sentiam importantes; o meu costume de fotografar acabava deixando-os à vontade para que tudo saísse espontâneo. Já a turma B, foi preciso uma organização maior, pois todos precisavam sair de sala; entretanto, no momento das fotos, poucos alunos participaram das sessões, em sua maioria meninas. Ao fotografar, as meninas começaram a se divertir e fazer poses. Mas, no outro dia de

²⁸ Figura 8 - capa da revista da turma 1: eles se reuniram em torno do que são e expressaram isso por meio da coletividade, da diversidade e do que é ser jovem

aula, a ideia foi abandonada e tivemos que elaborar outra ideia.

Marcamos, então, outro dia para fotos e um casal de namorados que era bem relacionados com todos na turma acabou por participar da capa. No dia das fotos, eles se divertiram se abraçando e subindo nas costas um do outro²⁹. A ideia é mostrar a maneira como eles se relacionam com a escola, nos relacionamentos amorosos e na amizade. Ficou bem legal e todos gostaram do resultado. Em seguida foi a hora de enviar para os responsáveis que iriam fazer a arte da capa em um aplicativo de design.

Depois das capas produzidas foi a hora de pensar também na contracapa. Foi preciso uma espécie de organização de tudo que foi realizado para colocar os nomes dos participantes e suas produções, o que envolve um ponto importante da revista: a relação de pertencimento. A produção das duas contracapas foi realizada por mim, uma vez que organizei os nomes de cada grupo nos seus respectivos temas, indicando a ficha técnica e a participação dos integrantes da fotografia das capas.

O próximo passo foi a produção dos conteúdos pelos grupos. Nessa etapa é fundamental o professor orientar e corrigir erros e interpretações fora do contexto dos conteúdos da disciplina já estudados. Então, durante uma das minhas aulas, os grupos se reuniram para uma conversa comigo e verificação das etapas que faltavam como, por exemplo, uma pesquisa com as outras turmas da escola ou uma entrevista. Orientar esses pontos faz parte da estruturação da relação dos temas sociológicos com os fatos que serão apresentados por meio dessas pesquisas e entrevistas, além de orientar a produção da revista em formato e linguagem jornalísticos.

É nesse momento também que o professor deve orientar a produção visual e de texto para cada grupo com seus respectivos temas. A troca de ideias e, ao mesmo tempo, o direcionamento correto farão os estudantes se sentirem mais confiantes e conseguirem realmente transpor no material o conhecimento, a pesquisa as falas das fontes, principalmente, o uso de imagens e gráficos para

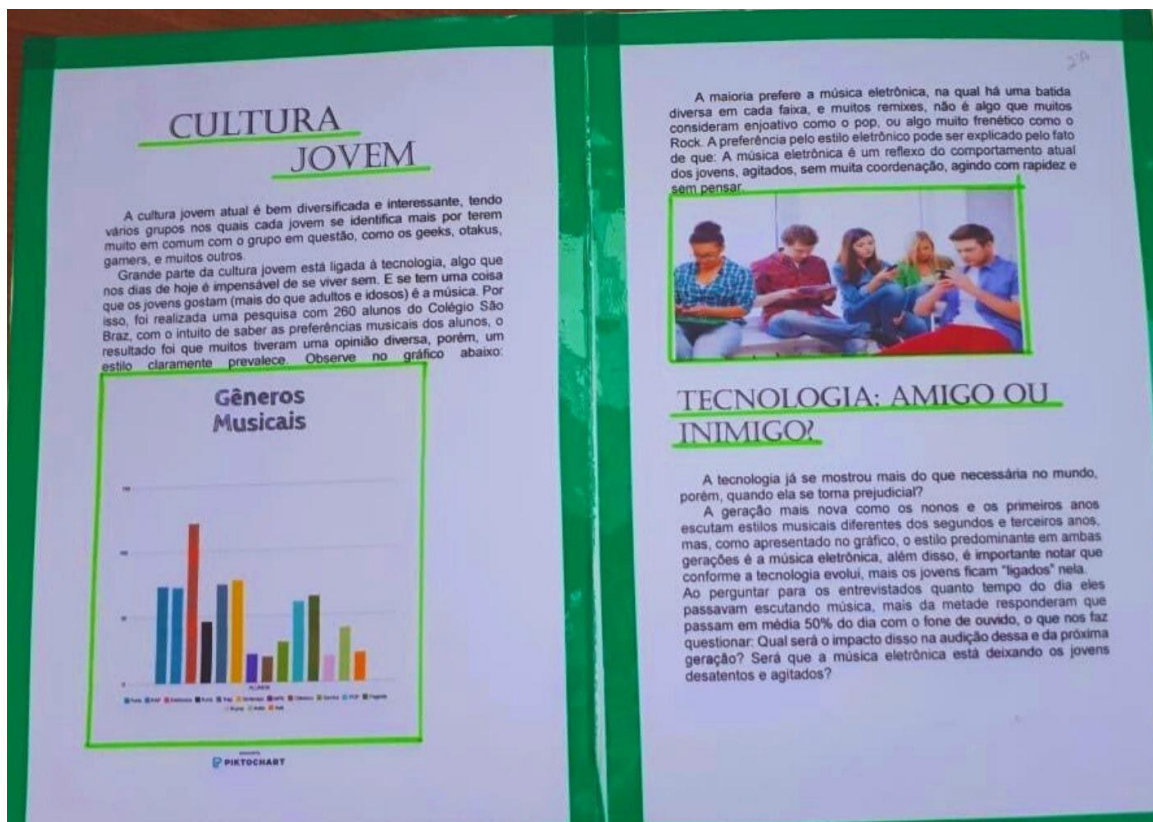
²⁹ Figura 9 - capa da revista da turma 2: um casal se divertido no pátio da escola e representando as relações da juventude.

melhor representar seus trabalhos.

Vou exemplificar essa etapa por meio da relação com dois grupos da turma “A”. O primeiro, que trabalhou a ‘cultura jovem’, tinha como objetivo explicar aspectos da cultura jovem por meio de uma pesquisa feita com as turmas da escola. No momento da nossa conversa em sala, debatemos sobre qual aspecto central eles queriam falar e pesquisar, todos concordaram que o gênero musical; a partir dessa ideia, foi pensado em como pesquisar para saber quais os gêneros musicais eram mais ouvidos pelos jovens da escola. Ao orientar para que eles delimitassem alguns tipos de gênero, um aluno disse que iriam fazer a pesquisa em trio, uma vez que facilitaria o trabalho de entrevista, supervisão e tomada de notas do resultado do levantamento.

O segundo grupo, por seu turno, estava na dúvida sobre como entrevistar uma pessoa imigrante. Selecionamos algumas pessoas que eram imigrantes e estudavam na escola e alguns integrantes do grupo também lembraram de outros colegas que eram imigrantes e passaram por questões de xenofobia. Debatemos sobre possíveis perguntas como, por exemplo, ‘por qual motivo você veio para o Brasil?’ etc. Na conversa, expliquei que a pergunta não é o ponto central, mas que era preciso compreender os problemas pelos quais aquela pessoa passava, ou não, para sair do seu país de origem. Debatemos mais profundamente os problemas sociais como a desigualdade, o desemprego e os inúmeros motivos que levam ao processo de imigração.

Figura 1 - Produção do conteúdo da revista 2019 (Cultura Jovem)



Fonte: Material da Autora.

Esse momento de se reunir com os grupos e alinhar os temas às abordagens sociológicas é muito importante para a compreensão mais efetivas de conceitos já estudados em sala de aula. Orientar, explicar de maneira mais personalizada, tirar dúvidas e ampliar os horizontes são pontos centrais para efetivação da produção da revista. Ao concluir essa etapa os alunos ganham mais uma semana para as pesquisas e produção dos textos.

A orientação é que fosse redigido o texto e escolhidas as imagens e depois a impressão em folha A4 para a produção da revista física. Entretanto, caso ocorresse algum problema de impressão, os alunos poderiam escrever seus textos de maneira que ficassem diagramados com as imagens e *layout* da página. Aqui, estamos falando de uma revista que parte da sua produção é feita de maneira digital e depois, com os materiais em mãos, produzida manualmente em sala de aula. Essa é a última parte da produção, quando os alunos passam a fazer a colagem em uma

folha A2 com gramatura de 120g e dobrada ao meio para ficar no tamanho A4.

Um ponto importante a ser destacado é que a elaboração da revista é feita em um calendário à parte, mas dentro das aulas normais do ano letivo. De um lado, separo as aulas destinadas a apresentação, dúvidas, produção e debates; enquanto o tempo destinado à produção fora de sala de aula é dedicado paralelamente às aulas com conteúdos novos e, por esse motivo, é possível continuar com meu planejamento trimestral de conteúdo. O motivo pelo fato disso ocorrer é que os conteúdos sociológicos usados para a produção da revista já foram ministrados em sala de aula e, por isso, os conhecimentos adquiridos serão a base para produção de novos conhecimentos, em que o protagonismo será dos alunos.

No dia marcado para a produção física da revista, levei as folhas A2 e os grupos ficaram responsáveis por providenciarem seus materiais no formato impresso. Além disso, fiquei responsável por imprimir as capas e contracapas para que a produção final não tivesse nenhum problema. Conforme o cronograma, no dia da aula, organizei os grupos separados, entreguei as folhas, pegamos materiais de apoio (tesoura, cola, canetinhas, papéis na secretária) e começamos a fazer as colagens.

A movimentação dentro de sala de aula neste dia foi intensa. De fato, era o momento de orientar, mas também ter o controle da efetiva produção. As conversas entre eles dentro dos seus grupos se prolongavam e a diversidade de assuntos acabavam desviando atenção para o que realmente importava: deixar a revista pronta. Por isso, a cada 5 minutos me fazia presente em um grupo, perguntando, recortando com eles e orientando.

Acredito que esse também foi um momento muito importante da revista, pois visualizar os resultados e fazer eles se materializarem ao tocar em cada página que era construída é uma maneira de se reconectar aos alunos. Essa relação me faz pensar na teoria dialógica de Freire (1986), em que a comunicação é a base para a conexão entre o aluno e o professor, permitindo uma constância da aprendizagem mútua.

Ao final do trabalho de cada grupo, unimos as partes e formamos um todo: a revista de sociologia com capa e conteúdo. Uma produção coletiva, em que o

processo melhor compreendido ao ver a materialização de um projeto que, das partes, virou um todo e, por isso, um resultado satisfatório que gerou sentimentos e reflexões sobre a importância da cooperação, responsabilidade e do exercício contínuo de que o resultado de cada grupo se torna o da turma inteira.

A revista foi passada de mão em mão, todos estavam curiosos para ver o que aquele trabalho todo de semanas iria se tornar. Os olhos atentos às páginas e as produções dos colegas me fizeram perceber que a ação de insistir em alternativas para ensinar conteúdos de sociologia são extremamente válidas. Ao final, os elogios, as sensações de arrependimento de alguns em não ter feito melhor, o esquecimento de alguns detalhes e até mesmo a foto não tirada ou a pesquisa que podia ter sido mais aprofundada geraram também novos resultados: a autoavaliação, o repensar o processo de execução; a autocrítica pela falta de empenho na atividade. São pontos de reflexão não possíveis por muitas atividades tradicionais e que, por isso, não preparam os jovens para uma reflexão sobre suas próprias produções e suas capacidades.

O processo de aplicação da revista é dedicado a fazer uma análise e descrição da sistematização do projeto por meio da observação:

Na pesquisa em Educação, a observação é um importante instrumento de coleta de dados. No entanto, observar está além da simples capacidade de ver. Isto é, observar é mais do que simplesmente registrar através de uma percepção aquilo que é produzido por uma sensação. Observar é poder ver e compreender uma situação, é tirar o máximo de abstrações possíveis de um fato ou de uma resposta dada por um sujeito de pesquisa (BARTELMEBS, 2013, p.1).

Portanto, a observação com objetivos claros e questões definidas puderam oferecer um passo a passo dos acontecimentos, sentimentos e situações que foram estruturas-chaves para compreender como a revista de sociologia é aplicada e quais os seus impactos para a aprendizagem e produção do conhecimento.

4.3. IMPRESSÕES DOS ESTUDANTES (um olhar do próprio aluno)

Freire (1992) nos inspira a levar em consideração que crianças, jovens e adultos trazem consigo a compreensão do mundo, olhando para suas experiências sociais. Para ele, os saberes como religiosidade, fala e sexualidade não devem ser deixados de lado na escola. Portanto, toda forma de criar maneiras e ambientes para que as expressões e pensamentos sejam ouvidos e compreendidos são tentativas legítimas de contribuir para o ensino do país.

Dayrell e Reis (2007) refletem sobre o ensino de sociologia no ensino médio e apontam que é importante olhar para os jovens em um momento específico de demandas e necessidade próprias. Assim, a sociologia deve fazer parte também da compreensão dessa fase da vida. Por isso, “significa dizer que a discussão sobre o ensino de sociologia deve se dar no contexto de determinada compreensão dos sujeitos que são a razão de ser da própria ação educativa – os jovens alunos” (DAYRELL E REIS, 2007, p.2).

O protagonismo dos estudantes está no centro do debate para a criação de medidas para melhoria na educação do país. A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) tem, como sua competência geral para educação básica nº 5, “compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva” (BRASIL,1996, p. 9). Portanto, desenvolver o protagonismo do estudante nas escolas públicas do país exige a criação de novas maneiras de integrá-los no processo de aprendizagem e, na “construção do seu projeto de vida” (BRASIL,1996, p. 15).

Destaco que, ao final da produção da revista, dediquei uma aula para que houvesse um momento de avaliação do projeto e de autoavaliação no processo de elaboração e produção da revista. Freire (1987) diz desenvolver maneiras de ensinar é papel de todos, inclusive do educando; acredita que uma das principais fontes para elaboração de roteiros de ensino é ouvir os educandos. O objetivo é que estes ocupem os espaços por sentidos e reflexões sobre suas próprias vidas.

É função do professor viabilizar esses espaços. Lembro que, ao entrar na sala de aula, solicitei que organizassem as mesas e cadeiras em formato de círculo. Depois, sentei-me, abri meu caderno de anotações e comecei a instigá-los a falar o que eles tinham achado da elaboração de uma revista como avaliação trimestral da disciplina.

No 2º A, a turma era mais comunicativa e por isso foi mais fácil extrair informações mais elaboradas. A Ângela foi a primeira a falar do projeto. Dedicada, empenhou-se em fazer sua parte e chamou essa experiência de “sociologia na prática”, em que falou ter sido mais divertido de aprender pois tinha mais interação e desenvolvimento de textos com base na produção de textos mais autorais e com base nas pesquisas que iam fazendo. Disse também que foi um momento de novas perspectivas. O grupo dela ficou com a parte dos imigrantes e, por isso, fez entrevistas com colegas venezuelanos e descobriu uma realidade nova, abrindo novos horizontes para aprofundar os conceitos sociológicos.

Mas além da avaliação do projeto, perguntei no meio da conversa sobre se esses tipos de atividades são melhores que as aulas tradicionais. Boa parte respondeu que depende. A Ângela, por exemplo, disse que depende das características do professor com as habilidades de controlar a sala, controle do conteúdo e o tom de voz. Falaram muito bem do professor de história, uma vez que ele tem essas características. O João, também um dos mais comunicativos e com habilidades de liderar a turma, falou que gostou bastante de ter saído da sala e ter ido buscar informações com os colegas, em outros lugares. Para ele, a revista proporcionou mais interação, onde descobriu que os outros tem novas formas de pensar. A Joana, falou que elaborar o projeto foi uma maneira de colocar a discussão do debate atual, permitindo um convívio maior e o que mais ajudou era que ela já tinha um conhecimento prévio com as aulas de sociologia. Enquanto a Talita verbalizou que era apenas mais um dia normal, encarando o projeto como parte normal da escola. Já a Alicia disse que descobriu novos conteúdos e curiosidades sobre sua região.

Enquanto eles falavam, eu anotava os pontos relacionados a questão em debate, mas é interessante quando a discussão leva para novas reflexões. Foi

quando começaram a falar do uso do celular, as críticas giraram em torno da escola e da falta de acesso a informações. A Alicia disse que o uso do celular é algo útil, mas que deve haver controle no acesso em sala de aula. Criticou a escola pelas tecnologias ruins e refletiu sobre como hoje é difícil ter acesso a informações seguras, relacionando com as Fakes News. Outros alunos como a Kayla e o Fábio também criticam o uso do celular em sala, quando não é para uso direcionado pelo professor. O debate se estendeu sobre como as aulas podem gerar interesses e como isso é importante para eles. A revista de sociologia, segundo o Fábio, gerou isso nele. Ele é bastante apático nas aulas expositivas, demonstrando que atividades que gerem interesses que façam com que eles busquem o conhecimento ajuda bastante na aprendizagem dos conteúdos.

Na turma do 2º B, que já tem como características marcadas por conflitos, foi mais difícil conversar sobre a produção da revista. Então, fui guiando a conversa com alguns aspectos das etapas do projeto. O primeiro foi sobre o que acharam, de forma geral, e as dificuldades. O André falou para a turma que a revista foi “bem dada”, ou seja, bem explicada e que proporcionou um maior entendimento dos conteúdos já estudados. O Antônio refletiu sobre como elaborar uma parte da revista gerou um debate entre eles, apesar de ter dito que uma das dificuldades do grupo foi a organização. O segundo foi sobre a produção digital; durante a conversa, duas alunas, a Marcela e Talia, comentaram sobre como a tecnologia atualmente prevalece e temos que ter cada vez mais domínio. A Marcela destacou que o uso de imagens ajuda mais que os textos e que a revista proporcionou isso. Além disso, acreditava que fazer o trabalho em casa é melhor, pois tinham mais acessos aos recursos digitais, mas lembrou das dificuldades de quem precisava trabalhar e só tinha o momento na escola para fazer o trabalho. Alguns pontos foram falados e a turma concordava com os comentários que surgiam como, por exemplo, que eles conseguiram usar a imaginação e a criatividade para elaborar suas partes no trabalho. Aqui, eles também lembram dos conflitos e da falta de participação na produção da capa e de engajamento de alguns grupos.

Neste sentido, a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de

transmitir 'conhecimentos' e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação 'bancária', mas um ato cognoscente. (...) a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica um constante ato de desvelamento da realidade. A primeira [educação bancária] pretende manter a imersão; a segunda, pelo contrário, busca a emersão das consciências, de que resulta sua inserção crítica na realidade (FREIRE, 1998, p. 68 e 70).

A aprendizagem é um processo que deve ser baseada em uma produção coletiva. A revista de sociologia tem sua base no desenvolvimento de um projeto que envolve o trabalho em equipe, da dependência e cooperação de quem faz parte do grupo. Sendo assim, a problematização, a pesquisa e a busca por soluções fazem com que esse pequeno projeto caminhe junto a educação libertadora de Freire (1998). O professor deve ter como premissa que não é apenas o resultado que importa, mas o processo de engajamento que permite desenvolver novas habilidades e o contato com a realidade social.

Integrar conteúdo de sociologia com as experiências vividas pelos estudantes é uma alternativa para refletir sobre a reprodução da estrutura social cultural pela escola (BOURDIEU; PASSERON, 2008). Em primeiro lugar, com as experiências vividas com a aplicação da revista em sala de aula, percebe-se que os estudantes trazem para dentro dos muros da escola suas experiências e valorização da reflexão crítica da realidade social que faz parte. Em segundo lugar, a produção coletiva permite uma inclusão maior de cada aluno no processo de aprendizagem, uma vez que valoriza as habilidades de forma mais personalizada para cada função no projeto.

Compartilhar as impressões que envolvem os olhares dos estudantes é fundamental para compreender os desafios de aplicar uma ferramenta de ensino com bases da metodologia ativa, uma vez que os estudantes são os protagonistas das ações e da construção dos seus próprios conhecimentos.

Quanto mais aprendamos próximos da vida, melhor. As metodologias ativas são pontos de partida para avançar para processos mais avançados de reflexão, de integração cognitiva, de generalização, de reelaboração de novas práticas (MÓRAN, 2015, p.18).

Portanto, essa parte da revista diz respeito a um momento específico vivido em uma escola pública com duas turmas do 2º ano do ensino médio. Ao longo desses anos, enquanto professora, percebi que toda turma tem características únicas e por isso compartilhar vivências nesses espaços reforçam a troca de saberes entre professores.

Entretanto, as escolas públicas do país têm seus problemas e funcionamento fincados em estruturas muito rígidas e com os papéis dos atores bem definidos (PEREIRA, 2017). Isso nos orienta para desenvolver estudos e possibilidades para promover um ensino de qualidade no país e, com isso, resolver parte dos problemas que são coletivos aos docentes.

4.3. IMPRESSÕES DA PROFESSORA

A revista de sociologia proporcionou grandes aprendizados na minha carreira profissional, enquanto professora. Além disso, ela me tornou uma pesquisadora, permitindo ser o objeto de pesquisa deste trabalho. Em primeiro lugar, quero refletir sobre a maneira como me relaciono com ela, que é uma elaboração; um objeto, mas que se tornou parte do meu crescimento pessoal e profissional e, por isso, também parte das minhas memórias e da minha relação com o outro, os alunos e estudantes.

Em segundo lugar, enquanto professora pesquisadora, olho para a revista e compreendo seus problemas e desafios em duas oportunidades, uma de tentar melhorar como professora que usa uma ferramenta de ensino; a outra é oferecer à comunidade acadêmica e escolar uma experiência vivida e praticada, contribuindo para a educação do país.

Um dos primeiros pontos a ser destacado é sobre o esforço e o tempo dedicado à elaboração desse projeto em sala de aula com os estudantes. De um lado, o professor tem em média mais de 10 turmas com cerca de 30 alunos cada; com o desgaste da quantidade de aulas e de avaliações para corrigir, encarar qualquer novo projeto que envolva uma elaboração com tempo a mais é desafiador. Mas, pretendo destacar aqui a importância de, pelo menos uma vez ao ano, o

professor trabalhar com projetos e estimular os estudantes a produzirem o conhecimento com mais autonomia e segurança e, acima de tudo, uma autonomia com base em teorias científicas.

Para tanto, é preciso fazer um planejamento do semestre ou trimestre incluindo esse projeto incorporado nas aulas de rotina do professor. Além disso, com o planejamento³⁰ em mãos, saberá quais os próximos passos para efetivar a revista. Conversar com a equipe pedagógica e a direção para ter apoio antecipado ou, a partir da conversar compreender quais desafios serão encarados, é importante para ter controle do processo de elaboração da revista. Já destaco aqui outro ponto importante: cada escola tem suas características físicas e profissionais que podem interferir na aplicação do projeto. Por exemplo, nas escolas em que os alunos são sempre controlados e a liberdade de usar os recursos são limitados, não será fácil desenvolver um trabalho que vai focar justamente na autonomia e na utilização da maior parte dos espaços e recursos da escola. Isso está muito relacionado com a equipe diretiva e pedagógica de cada escola. Enquanto professora PSS³¹, ou seja, substituta, os desafios são maiores, pois cada novo ano encaro a incerteza de não saber em qual escola trabalharei, provocando uma instabilidade na continuação do trabalho ou o começo de um período longo de adaptação em uma nova realidade escolar.

Nas duas escolas que apliquei a revista, tive apoio dos diretores e pedagogas. Apesar de que, na prática, os desafios e problemas vão surgindo como, por exemplo, o uso de material impresso e o uso dos laboratórios de informática, que geralmente é limitado quanto ao funcionamento dos computadores. Entretanto, toda a equipe escolar deve compreender o sentido do trabalho e, assim, informar antecipadamente é fundamental para que, até quem trabalha como bedel, possa entender os trabalhos fora de sala de aula nos diversos espaços da escola.

Depois disso, fiz o “convite” para as turmas. Falei sobre a revista e como iríamos trabalhar com ela durante uma parte do trimestre. Chamo de convite pois é uma maneira de compreender como a turma vai receber, como uma forma nova de

³⁰ Organizado no infográfico no anexo na figura 1.

³¹ Processo Seletivo Simplificado

serem avaliados por esse tipo de trabalho; como uma espécie de pré-avaliação do processo de elaboração do projeto. Nesse momento, ao lançar de maneira verbal a ideia da revista, percebo algumas características que serão chave para controlar melhor a elaboração como, por exemplo, se a turma é conflituosa, se é mais engajada ou se não dá importância à atividade. Como professora de sociologia, é nesse momento que “vendo o meu peixe” e passo a falar com um tom de voz animado, apresentando de forma lúdica o passo a passo e como eles deverão fazer para elaborar sua parte da revista. Destaco o uso das ferramentas digitais, as pesquisas, as fotos e imagens e a produção de texto a partir das informações colhidas. Na verdade, faço eles se sentirem jornalistas e que aquele momento faz parte de um trabalho profissional e não, necessariamente, de uma avaliação escolar.

A ideia é provocar empolgação e criar uma imaginação sociológica, fazer as associações entre o que estudamos e a vida real, o dia a dia deles em casa, na rua e na escola. O produto, a revista de sociologia, seja manual ou digital, é fruto de um trabalho com os estudantes que extrapolam o fazer, pois requer uma atenção aos detalhes, sempre com o objetivo de trazer os estudantes para o palco principal da aprendizagem.

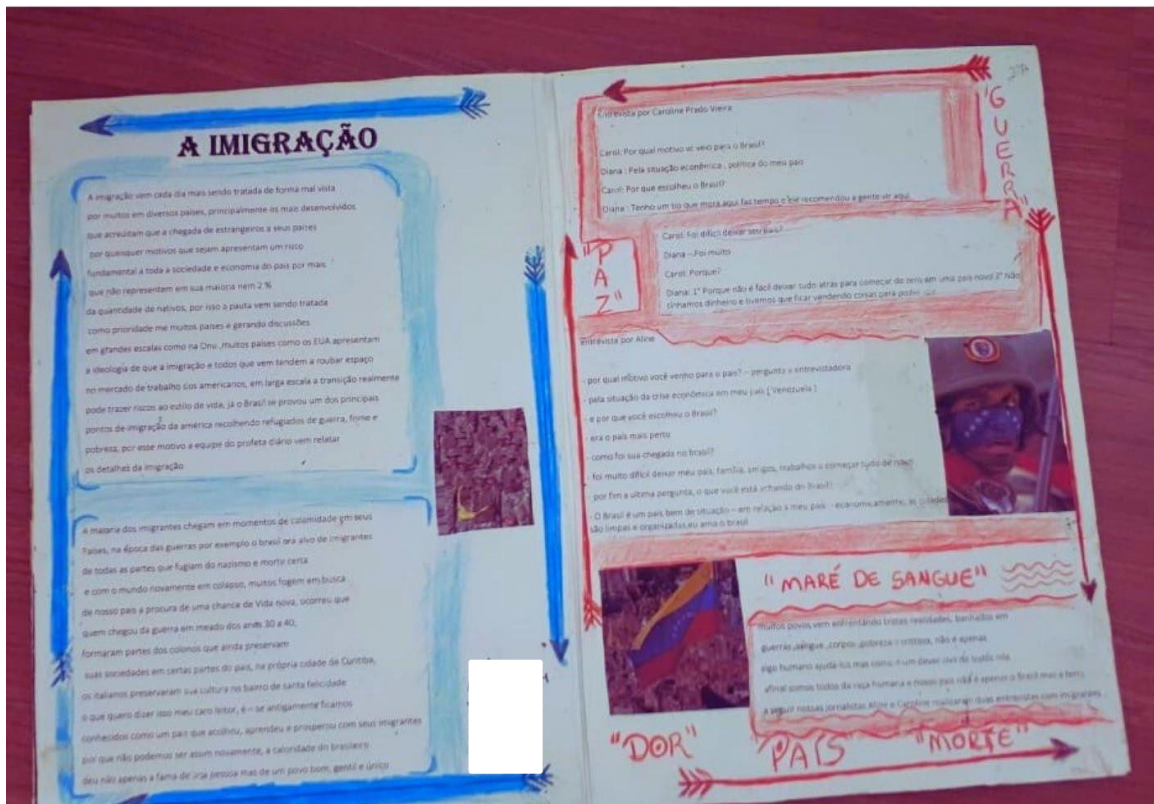
[...] a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica num constante ato de desvelamento da realidade [...] busca a emersão das consciências, de que resulte sua inserção crítica na realidade (FREIRE, 1987, P. 80).

A vida de cada estudante é cheia de situações que precisam ser compreendidas. A educação pode ser o passaporte para “desvendar a realidade”. Inspirada em Freire (1987), reflito como a revista possibilita os estudantes a percorrerem várias situações da rotina escolar que no dia a dia não é percebida de maneira crítica. O grupo que ficou responsável pela cultura e o processo de imigração teve a oportunidade de conversar e fazer perguntas para colegas da escola sobre como é ser um imigrante e quais motivos os levaram a saírem do país de origem. Ao conversar com o grupo, percebi que a realidade estava afetada. Agora, não mais com os julgamentos que tanto fazem ao falar sobre um assunto,

mas o cuidado em refletir mais sobre temas tão recorrentes no país e no mundo.

Em relação ao trabalho em equipe, percebi que envolve várias outras habilidades como, por exemplo, a responsabilidade de ficar com determinada função e executá-la, de saber que precisa do outro para que o trabalho seja feito para que o resultado seja satisfatório; que quando um colega de trabalho é irresponsável com sua tarefa, toda a equipe é prejudicada; que trabalhar em equipe requer uma espécie de líder que ficará à frente da organização. Essas percepções desencadeiam a necessidade de agir e desenvolver habilidades, caso contrário, saberão que todos podem se prejudicar.

Figura 2 - Produção do conteúdo da revista 2019 (Imigração).



Fonte: Material da Autora.

A BNCC orienta as escolas a acolherem, a partir de um olhar do Ensino Médio contemporâneo com o foco na inclusão de todos os jovens e no seu projeto de vida, as juventudes e devem ter como finalidade: “promover a aprendizagem colaborativa, desenvolvendo nos estudantes a capacidade de trabalharem em

equipe e aprenderem com seus pares” (BRASIL, p. 465). Nessa perspectiva, podemos compreender que projetos que possibilitem o desenvolvimento de habilidades que estavam vinculadas com atividades colaborativas são alternativas para um ensino médio contemporâneo.

É por meio desses tipos de atividades que os estudantes podem aprender não só com o professor ou estudando para elaboração do trabalho, mas também com os próprios colegas, construindo com novas maneiras de pensar e visões críticas da realidade. A maioria das novas formas propostas de metodologias ativas estão vinculadas a trabalhos coletivos, onde a aprendizagem passa por um processo de estímulo cooperativo e propositivos com o aprender.

Interessante pensar que quando o professor se dispõe a ouvir os estudantes, ele aprende muito sobre como ser professor. A aplicação desse projeto me fez refletir sobre como posso melhorar minhas aulas a partir do ato de ouvir o meu “público-alvo”³². O momento de avaliação do projeto por mim e pelos estudantes estimulou a conversa sobre as características dos professores que, mesmo em aulas tradicionais, encantam os estudantes e têm resultados de aprendizagem satisfatória. Quando a Ângela disse que para as aulas tradicionais serem melhores que aulas mais ativas só depende das características do professor, como as habilidades de controlar a sala, controle do conteúdo e o tom de voz, fez-me pensar que conquistar atenção e ensinar um conteúdo vai muito além do que só elaborar atividades interessantes. A mudança tem que ser na própria prática do professor diariamente.

Durante a roda de conversas, falaram muito bem do professor de história, uma vez que ele tem essas características. Focaram no modo como ele narra a história e faz eles aprenderem por meio de detalhes. Mas diante de uma diversidade de professores, como ter características que sempre vão levar uma aula tradicional a uma efetivação da aprendizagem? Essa pergunta surgiu na hora que eles comentavam sobre o professor de história e, claro, minha resposta mental foi: não.

Somos professores com jeitos, tons de voz, formação, idades, problemas e abordagens diferentes e é impossível ter sempre as mesmas expectativas para uma

³² Referência àqueles que preciso conquistar diariamente para que meu serviço seja melhor.

aula tradicional. Entretanto, ouvir e conversar pode ser o início de mudanças que levem a se tornar um professor melhor, e, como as diversas ferramentas e metodologias podem auxiliar a encontrar um meio termo para engajar os estudantes e promover uma melhor aprendizagem dos conteúdos da disciplina.

4.5 GUIA PARA A PRODUÇÃO DA REVISTA DE SOCIOLOGIA

O objetivo final desta intervenção pedagógica é a aplicação de uma ferramenta de ensino que caracterizasse a possibilidade de uma nova maneira de ensinar sociologia no ensino médio. Mas, o resultado disso gerou a elaboração de uma sequência didática para a execução da revista em sala de aula. Uma espécie de fonte de material pedagógico para outros colegas da área que queiram trabalhar com projetos mais amplos com os estudantes. Portanto, esta parte do trabalho se dedica a organização sistemática para a elaboração deste objeto de pesquisa, a revista de sociologia.

Para uma melhor compreensão sobre a revista é preciso delimitar o seu entendimento teórico e técnico. Segundo Vongel (2013) a revista é:

Revistas têm temporalidade expandida já por sua periodicidade alongada. São semanais, quinzenais, mensais; organizam, a cada edição (ou na série das coleções), um tempo mais dilatado que o do jornal e, com isso, desmontam e remontam os noticiários, as atualidades, as vivências (VONGEL, 2013, p. 17).

Portanto, a base teórica que este projeto se apoia está associado com uma elaboração de revista onde é possível ter uma temporalidade, são organizadas de maneira a ter sua edição, seja pensando por séries (turmas) ou por semestre, ou até mesmo como a presente aplicação, de maneira anual. Tudo depende de como ela será incluída no planejamento curricular do professor. Outro ponto importante da revista, em termos técnicos, é que ela capta as atualidades e as experiências, se tornando cada vez mais um suporte para fazer análises da sociedade.

Selecionam as imagens do presente, enredam-nas, justapõem umas

com outras, propõem perspectivas para elas conforme as rotinas e vocações de cada veículo. Configuram, desse modo, montagens em que se justapõem fotografias, ilustrações, informações, narrativas, materiais diversos; pequenas sùmulas de imagens do contemporâneo (VONGEL, 2013, p. 17).

Além disso, a revista se torna um suporte que pode ser usada como uma ferramenta de ensino sociológico que alia as teorias aprendidas em sala de aula junto ao professor e reflete essas aprendizagens em algo concreto que tem a capacidade de usar várias técnicas de gêneros textuais e o uso de representações de imagens para criar notícias, oferecer informações e formar opiniões. Tudo isso dentro de um espectro contemporâneo, como revela Vongel (2013):

Toda revista propõe, de algum modo, uma reflexão sobre o contemporâneo; nunca uma representação do contemporâneo, mas uma apresentação materialmente estável de imagens justapostas, do presente e de quaisquer tempos (VONGEL, 2013, p. 17).

É, portanto, dentro desse contexto que também trago a reflexão sobre como a revista pode desenvolver novas habilidade e uma dinâmica que pode ajudar bastante na compreensão de conteúdos sociológicos pelos alunos do ensino médio. Para isso elenco alguns pontos com base Marcia Benetti (2013, p. 46):

1. Contribui para formar a opinião e o gosto;
2. Permite o exercício de diferentes estilos de texto;
3. Apresenta uma estética particular, em que arte e texto são percebidos como unidade;
4. Compreende a leitura como um processo de fruição estética e estabelece uma relação direta e emocional com o leitor;

Esses pontos que a revista oferece, segundo Benetti (2013) aliados aos conteúdos sociológicos podem ser um bom meio para aliar a teoria com a prática, além de possibilitar a elaboração de um projeto unificado com toda a turma.

4.5.1 Sequências

Apresento agora a sistematização do passo a passo da revista em um encadeamento sequencial de cinco etapas com suas respectivas fases, as quais devem estar no cronograma elaborado pelo professor.

Sequência 1 – Elaborar as etapas do projeto em formato de slide. Mas antes, converse com a turma para compreender melhor sua dinâmica, seus laços coletivos e fazer um pequeno diagnóstico de possíveis dificuldades que a turma poderá ter com a elaboração do projeto. Após esse momento, destine um dia para fazer a apresentação dos slides explicando as etapas e temas (conforme os conteúdos já ministrados de sociologia) que serão abordados no projeto.

Sequência 2 – Elaboração do projeto conforme as etapas e cronograma já estabelecido com a turma.

Fase 1 – Elaborar a capa (o professor pode orientar para que sejam produzidas pelos próprios alunos ou participar mais efetivamente com o auxílio técnico).

Fase 2 – Orientações sobre a aplicação dos conteúdos de sociologia nos temas para pesquisa de campo, tabulação de dados, pesquisas pela internet e produção de textos

Fase 3 – Produção enviada para o professor e feita as devidas alterações e correções.

Sequência 3 – Produção visual (digital ou manual)

Digital: Os estudantes devem ter acesso a algum aplicativo de edição de revista digital (sugiro o Canva³³), onde farão a edição e diagramação da revista.

Manual: Os estudantes fazem a impressão dos seus arquivos, a seleção das suas imagens com apoio de recorte de revistas e decoram como uma espécie de

³³ Canva – disponível no link: <https://www.canva.com/>

diagramação manual suas páginas e colam as partes em um todo dando forma a revista coletiva.

Sequência 4 – Avaliação do projeto com os estudantes

Quando a revista ficar pronta, o professor pode fazer o momento do lançamento para toda turma poder ler e manusear a revista. Caso seja digital, o professor pode levar a turma para a sala de informática e abrir a revista digital para leitura.

Depois o professor pode fazer uma roda de conversa sobre a experiência de elaborar a revista e compreender o que os estudantes reforçaram dos conteúdos de sociologia estudados ou o que aprenderam de novo com as técnicas que aplicaram.

Essa sequência é uma espécie de roteiro para elaborar a revista. Além disso, também compartilho o slide de organização da revista que é apresentado na primeira sequência do roteiro. A ideia é oferecer um exemplo sobre como organizar de maneira a deixar claro para os estudantes as etapas do projeto e as associações com os temas de sociologia.

4.5.2 Slides de Apresentação

A apresentação da atividade às turmas também merece especial atenção. Afinal, é neste momento que é possível conquistar o comprometimento de todos em torno de um projeto coletivo. Os slides apresentados constituíam o seguinte:

Slide 1 – Orientações Básicas

- Modelo de uma revista jornalística
- Grupos de no máximo 5 pessoas
- Editorias (conteúdos) de acordo com as aulas e com a orientação do professor.

Slide 2 – Editorias

- Conteúdos de sociologia que serão a base para as pesquisas a produção das matérias jornalísticas.

- Destaque os conteúdos para a relação com algum acontecimento atual ou alguma problemática entre os próprios jovens (relacionar com as experiências diárias da vida social do estudante)

Slide 3 - Exemplo de Orientação para a Editoria

Editoria: Cultura Jovem

- Sugestão: Pesquisa com os colegas da própria escola sobre: o que é ser jovem nos dias de hoje? quais os gostos musicais, os esportes e os interesses deles?
- Lembrar aos grupos: Pode escolher mais perguntas;
- Não esquecer: fazer fotos (pedir autorização aos fotografados)
- Não esquecer de comprar itens de papelaria para a decoração da revista (papel colorido, fita colorida, canetão e canetinha)

*Fazer essas mesmas sugestões para cada tema proposto. São orientações abertas que podem ser modificadas pelos estudantes.

Slide 4: Decisões Coletivas

- Nome da revista:
- Tema principal da capa:
- Design da capa + modelo:
- Quem vai fazer o design:

Esses slides fazem parte da aplicação desta intervenção pedagógica, podendo ser alterada de acordo com a necessidade de cada professor e do diagnóstico, feito pelo professor, de cada turma que vai aplicar. Portanto, o importante é o planejamento de todo o processo do projeto e uma apresentação clara para melhor compreensão pelos estudantes.

4.5.3 Revista digital

Foi optado pelo uso do ensino híbrido³⁴, ou seja, parte do processo de

³⁴ O ensino híbrido utiliza a tecnologia abrindo novos horizontes na educação, transformando e buscando melhor o processo de ensino e aprendizagem (CAMILLO, 2017).

elaboração foi por meio do uso de tecnologia e outro manual, resultando em uma revista com uso de colagens por meio de impressões e recortes de outras revistas. O motivo pelo qual optei por essa maneira de elaborar a revista foi devido à disponibilidade de recursos e tecnologia escassas na escola pública em questão. Entretanto, ela pode ser feita de maneira totalmente digital com auxílio de novos aplicativos com funcionalidade e de fácil interface.

Dessa maneira, o planejamento e a apresentação para a turma continuam sendo necessários para a elaboração da revista, mas é preciso incluir um elemento a mais: ensinar a turma a mexer no aplicativo que será usado para elaboração da revista. Já que seu formato muda, alguns pontos são importantes para sua efetivação: sala de informática equipada com computadores e internet; os computadores devem ter capacidade suficientes para suportar aplicativos e sites que auxiliem na diagramação e geração da revista. Esses pontos são fundamentais ao passo que eles serão o suporte primordial da revista. Depois de pronta ela pode ser compartilhada nas redes ou aplicativos de conversas, como o WhatsApp.

Sugiro um aplicativo bastante usado no meio educacional para elaborar revistas que é o **flipsnack**³⁵ que possibilita elaborar a revista com uma interface muito dinâmica e totalmente online e digital. Além desse aplicativo, também tem outros que podem ser usados como o **canva**, que apesar de não ter uma interface dinâmica para revista, pode oferecer todo o suporte de diagramação dela e gerar um *pdf* completo que pode ser compartilhado com todos. É importante destacar que pelo menos alguns estudantes de cada grupo devem ter domínio do aplicativo de elaboração da revista, uma vez que se faz necessário transferir tudo que foi produzido como as pesquisas, textos e imagens para o aplicativo escolhido e, a partir disso, resultar a revista por completa.

Portanto, cada escola tem suas características e recursos próprios onde, por meio de um olhar diagnóstico, o professor deve encontrar a melhor maneira para efetivar a elaboração da revista. A experiência aqui compartilhada diz respeito a produção final de uma revista manual, mas que usou de recursos tecnológicos tanto

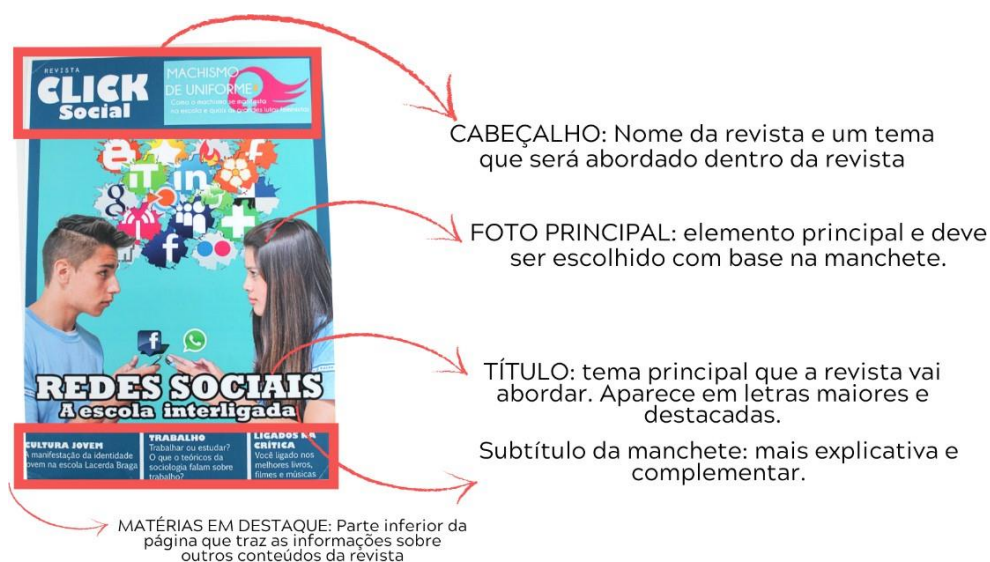
³⁵ Disponível no site: https://www.flipsnack.com/bp/digital-magazine?fs_tags=AW,S_BP,DSA&gclid=Cj0KCQjwufn8BRCwARIsAKzP696lytQSGjHoyFE5uOcdbolUuZR8syS78YUyHWIM8WZwjEeC7q1ZLMgaAswVEALw_wcB

na escola quanto pelo uso dos celulares e computadores pessoais dos estudantes em casa. Entretanto, com a opção de uma revista 100% digital o produto será diferente, mas com a mesma proposta pedagógica e de ensino de sociologia.

4.5.4 Orientações sobre a elaboração da Capa e Contracapa

Para que a revista de sociologia seja experimentada como uma revista jornalística é preciso ficar atento a sua elaboração e usar as nomenclaturas específicas do jornalismo para se referir a organização das informações necessárias para a compreensão dos temas sociológico na capa e contracapa. Para isso, apresentarei a sistematização das duas principais partes do projeto: capa e contracapa, mas que já foi explicada mais detalhada neste capítulo.

Imagem 1 - Capa feita na primeira experiência da aplicação da revista em uma escola pública em Colombo / PR.



Fonte: Autoria própria.

No planejamento das editorias que resultarão no trabalho de design da capa e organização da contracapa é preciso que a turma também compreenda que o veículo de informação que eles estão elaborando tenham sua identidade e sua leitura sobre o mundo, isso possibilitará que o público-alvo crie laços mais profundos com a revista (JUNIOR, 2012, p. 94).

CAPÍTULO 5

A REVISTA DE SOCIOLOGIA E A APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS (ABP)

*“Tornar o aluno capaz de ler o mundo
pode transformá-lo”*
(Paulo Freire)

É com o olhar para o futuro que Freire (1989) aprofunda seus estudos sobre a educação no Brasil. O seu legado tem caráter emancipatório da educação, onde leva em consideração a sua complexidade. É a partir dos ensinamentos de Paulo Freire, que esse capítulo tem como ponto de partida entender como novas ferramentas de ensino podem ser a ponte para os estudantes do Século XXI.

As escolas do Brasil vivem dilemas que estão, diariamente, sendo debatidos nos meios acadêmicos e nas próprias escolas: a inserção de novas ferramentas tecnológicas ou metodologias ativas para renovar a forma de ensinar para a nova geração de estudantes.

A nova geração é fruto de um mundo moderno e tecnológico que enfrenta o surgimento de novos paradigmas. Segundo Castells (2000) a sociedade vive uma expansão e uma reestruturação do sistema capitalista que, tem como ênfase as novas tecnologias, o fluxo de informações e a flexibilização dos modelos de trabalho. O sentido dessa nova lógica é um novo paradigma: o da tecnologia da informação. Castells (2000) parte do pressuposto que as relações sociais e econômicas partem desse novo paradigma. Assim, a geração que tem em idade escolar vive num mundo com intensas transformações e, na educação não é diferente. Basta comparar o funcionamento da biblioteca de hoje com a de 15 anos

atrás. A digitalização dos processos e livros por tablets fazem parte da realidade dessa nova juventude.

A educação também vive esse novo paradigma e, segundo Mercado (2002), o professor tem que acompanhar essas mudanças já que, diante de uma sociedade da informação, é preciso saber colher, tratar e usar essas informações com os educandos. O autor observa que com as novas tecnologias é necessário:

criar conjunto de atividades com interesses didático-pedagógico, como: intercambio de dados científicos e culturais de diversa natureza; produção de texto em língua estrangeira; elaboração de jornais interescolar; permitindo desenvolvimento de ambientes de aprendizagens centrados nas atividades dos alunos, na importância da interação social e no desenvolvimento de um espírito de colaboração e autonomia nos alunos (MERCATO, 2002, p.12).

Portanto, o professor está na constante busca pelo novo, devendo olhar para um futuro em que Freire (2014), no livro *Pedagogia da Esperança*, aponta como um processo de conscientização da realidade. A ação transformadora acontece quando existe essa consciência que, por meio do diálogo, leva os sujeitos a refletirem sobre suas próprias ações de uma maneira mais horizontal.

A experiência que a elaboração, junto aos educandos do 2º ano do Ensino Médio, de uma revista interescolar me proporcionou, enquanto professora, foi o processo de aproximação com a realidade dos jovens, suas dificuldades com a construção do conhecimento e com sua condição juvenil. Quando o aluno do Grupo 1 expôs sua surpresa em perceber qual era o estilo musical, no caso o eletrônico,¹ mais ouvido pela escola e que a quantidade de horas que os colegas ficam no fone de ouvido passa das 8 horas por dia, fez eu ficar mais próxima da realidade deles e compreender que não é por meio da recriminação do uso de fones em sala que o problema vai solucionar. Freire (1992), portanto, revela-nos que é a partir da amorosidade, ou seja, do diálogo e do respeito perante o outro que podemos transformar as salas de aula do país.

Ao explorar o universo da juventude é importante situar a compreensão desse conceito. Em primeiro lugar, é importante pensar sobre o que é próprio da juventude. Groppo (2006) questiona a construção da identidade em

torno do que é ser jovem a partir da dicotomia entre o modelo clássico (olhar por meio de uma fase que tem em si tendências irracionais da natureza, levando como ordem a delinquência) e o modelo de oratória que, apesar de também ser uma construção social em torno do que é ser jovem, olha para essa fase como sendo um momento que a juventude experimenta papéis sociais para a construção de sua sabedoria social.

Para além dessa dicotomia, este trabalho coloca como central a alternativa de Groppo (2006) em compreender o que é a condição juvenil:

a condição juvenil, ou melhor, as condições juvenis se constituem por si mesmas a partir da livre composição de elementos sociais e culturais disponíveis. A parte forte da relação sociedade-juventude é, aqui, a juventude (GROPPO, 2006, p. 19).

Portanto, é na relação entre juventude e sociedade, especificamente aqui, com a educação que podemos compreender melhor como a juventude se constitui em si, levando em consideração suas diferenças e desigualdades. Mas, como Groppo também expressa, a juventude está em relação a algo e isso é em si uma dialética que está em constante contradição entre os aspectos da socialização e da autonomia.

Bourdieu (1992, p. 11), no seu livro *A Reprodução*, apresenta uma noção de escola contraditória em si. De um lado uma instituição social que reproduz os costumes das classes dominante de forma legítima. De outro, seu papel socializador, neutra, onde transmite conhecimento de maneira universal. É diante dessa complexidade que, não diferente da noção de juventude, a própria escola vive sua dialética. Nesses cenários de contradições, que busco aplicar e compreender uma ferramenta de ensino: a revista de sociologia.

Compreender que essas nuances estão na realidade educacional das escolas, faz parte da tentativa de conscientização de situar a pesquisa. Uma vez que, a sociologia como disciplina, deve ter como objetivo levar a reflexão crítica sobre o próprio papel da escola e da juventude. Por isso, estabeleço minha observação partindo do protagonismo juvenil atuando em uma escola que tem em suas bases de nascimento a busca pela autonomia dos indivíduos. Inspirada em

Paulo Freire e em leituras de Groppo, vou em direção a conscientização da dialética, onde é possível agir em direção a mudança enquanto agente transformador. Assim, ao viver as experiências com a aplicação de uma revista junto a jovens de 14 a 18 anos, tento partir do conhecimento da subcultura, universo onde vive o educando.

Enfim, superar - por meio da conscientização da existência de uma dialética dentro dos próprios espaços e agentes da pesquisa - a concepção clássica sobre a juventude, em que se configura como uma fase transitória, com pouca racionalização sobre as próprias ações que levam, quase sempre, a uma compreensão sobre delinquência é o caminho que trilhei para, também a partir de Freire, elaborar, de maneira a construir um diálogo para além dos muros da escola com os sujeitos da pesquisa.

Até aqui situei o ponto de partida de entendimento sobre a juventude e a escola. Agora, é importante se perguntar e elaborar que tipos de comportamentos os jovens contemporâneos têm em relação a suas próprias experiências na sociedade e na escola. A juventude está em constante construção e, se de um lado, criamos um imaginário social sobre como ser um jovem. De outro, podemos usar a imaginação sociológica como ferramenta importante para compreender as mudanças e as vivências da juventude que vivem em constante busca por respostas aos questionamentos do presente e do futuro da vida social de das suas próprias experiências (MILLS, 1975).

Morian (1987) debate, justamente, os enquadramentos de pessoas de acordo com as idades e que, a partir daí se espera comportamentos, vestimentas, linguagem e determinadas responsabilidades. Essa espécie de caixinha limita compreender o momento presente dentro do contexto social e histórico que cada juventude vivência. Portanto, é importante entender como as juventudes se relacionam com seus grupos sociais e culturais.

O fato é que, diante de um mundo pós-moderno, os jovens de hoje são nativos digitais. Segundo Gobbi e Kerbauy (2010), os nativos digitais são chamados assim, pois fazem uso da televisão e da internet com um aprofundamento da interatividade. Esse contato com esses recursos, segundo elas, acontece antes

do letramento. Mas para entender melhor como esses jovens se relacionam com o mundo tecnológico, Gobbi e Kerbaudy (2010) detalham:

É a geração que associa o divertimento, a tecnologia; que aos três anos de idade tem aulas de computação e aos 5 procura vídeos no YouTube; brinca com Nintendo Wii, tem blogs e fotologs, diário digital e faz compras virtualmente; além de estar inserido em comunidades virtuais e redes de relacionamento, nos mais variados ambientes interativos. Também é a geração que odeia a unidirecionalidade da televisão, a hierarquia, a inflexibilidade, a centralidade e, principalmente, administrar que tudo isso está sob o controle adulto. Estes jovens estão acostumados com a interatividade, na acepção correta do termo. Também estão sendo criados para assumir o comando, desde muito cedo (GOBBI, KERBAUY, 2010. p. 31).

A escola deve estar atenta a maneira como os jovens se posicionam na busca pelo próprio conhecimento, se tornando cada vez mais protagonistas da sua vida. O acesso a informações está na palma da mão, vive-se uma interatividade quase ininterrupta oferecida pelas mídias sociais por celulares com internet mais acessível em 4G, os jovens estão buscando cada vez mais estímulos. Mas como encontrar essa quantidade de estímulo em uma sala de aula, com um professor falando por 50 minutos e dizendo o que deve ser aprendido? É nesse cenário que encontramos os desafios para que o processo de ensino aprendizagem aconteça.

A experiência em desenvolver a revista de sociologia como um projeto que possibilitasse a ação protagonista dos estudantes, fez-se necessária ao passo que encontra sentido na própria maneira como o jovem se posiciona nas suas relações sociais. A pesquisa quantitativa³⁷, elaborada por um grupo para a matéria da revista, levou os estudantes da turma do 2º ano 'A' a estruturarem sua maneira de trabalhar em equipe e sistematizarem o conhecimento, mas também levou eles a saírem da sala de aula e se conectarem com os amigos não só presencialmente, mas também pela troca de informações por mensagens de texto via aplicativo.

³⁷ Pesquisa sobre quais são os estilos músicas mais ouvidos na escola. O grupo fez um levantamento por meio de uma pesquisa quantitativa em cada turma que resultou no conteúdo de suas páginas na revista.

Uma dinâmica que atravessa não apenas os objetivos de aprendizagem, mas que também oferece os ambientes que essa geração está familiarizada. O interesse e compreensão por um formato mais amplo de experiências e conhecimentos leva o educando a encontrar mais sentido naquilo que se propõe a fazer. Portanto, parto do olhar de Freire (1992) sobre a sua compreensão de conteúdo, onde entender que o “conteúdo é uma maneira de ler o mundo e mapear profundamente a realidade”.

Em 2014, também vivenciada a experiência de aplicação da revista de sociologia em outra escola, mas não de maneira sistematizada, pude perceber que os momentos que a revista proporcionava aos estudantes fazia com que eles se sentissem em uma rotina mais próxima da sua realidade. Exemplo disso, foi quando levei a minha câmera (semiprofissional) para fazer fotos de alguns alunos e alunas no pátio para servir como capa³⁸. Um momento de diversão em que a familiaridade com a lente da câmera permitiu fotos de redes sociais. A produção de uma capa que pudesse transparecer o título, cultura jovem, possibilitou a eles compreenderem conceitos sociológicos e, ao mesmo tempo, sua própria condição juvenil.

Ler o mundo é, antes de tudo, segundo Freire (1992), um ato anterior ao aprender ler e escrever. Ao observar que o olhar atento da aluna ao entrevistar⁶ um outra colega de escola e reconhecer nela os problemas sociais que afetam os imigrantes, compreendo que sua leitura crítica do mundo se expande e assim, como completa Freire, sem essa dimensão de “leitura e releitura do mundo, o ensino científico, político e pedagógico se torna capenga.”

As pesquisas atuais nas áreas da educação, psicologia e neurociência comprovam que o processo de aprendizagem é único e diferente para cada ser humano, e que cada um aprende o que é mais relevante e que faz sentido para ele, o que gera conexões cognitivas e emocionais. Metodologias ativas englobam uma concepção do processo de ensino e aprendizagem que considera a participação efetiva dos alunos na construção da sua aprendizagem, valorizando as diferentes formas pelas quais eles podem ser envolvidos nesse processo para que aprendam melhor, em seu próprio ritmo, tempo e estilo (MORAN, 2018).

³⁸ Ver Figura 5 - Capas das revistas elaboradas em 2014

Ao longo dos dois anos de mestrado busquei encontrar um lugar dentro de tantas novas abordagens de ensino que estavam em alta, não necessariamente novas, mas que estão sempre na mídia como a diversidade das metodologias ativas. Para tanto, o conceito de metodologia ativa proposto por Moran (2018) é uma maneira de situar todo esse trabalho, apesar de não ser uma metodologia, mas uma ferramenta que possibilita uma abordagem de ensino que considera o protagonismo dos estudantes. Além disso, queria compreender onde esse projeto se encaixaria na atual realidade da educação brasileira com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e suas competências para o ensino médio como já citada no capítulo 2. As 10 Competências Gerais devem permear todas as áreas de conhecimento durante todo os anos escolar do aluno. Assim, compreendi que a revista de sociologia pode ser uma ferramenta importante para ajudar a chegar às metas:

1. Competência 5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (...)
2. Competência 9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
3. Competência 10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Desenvolver as habilidades humanas para uma vida autônoma e responsável é tarefa de todos que trabalham na educação. Percebe-se que a

dinâmica em encontrar abordagens de aprendizados diferentes que possam desenvolver essas competências movimenta os estudos, cursos, ferramentas, tecnologia e a profissionalização dos docentes para que as metas da educação sejam atingidas.

Nesse contexto, destaco a ABP (Abordagem Baseada em Projetos), em que coloca os estudantes no centro da sua própria aprendizagem. Willian N. Bender é o grande percurso americano dessa abordagem de ensino. Para ele, ela é um modelo que permite uma aproximação com a realidade social que os estudantes fazem parte e a busca por uma autonomia no processo de busca por soluções (BENDER, 2015).

Assim, essa maneira de ensinar acompanha as mudanças tecnológicas e possibilita o desenvolvimento de novas habilidades pelos estudantes. É dentro desse contexto que as metodologias ativas são destaques em promover mudanças significativas em torno da educação e da aprendizagem, uma vez que possibilita envolver os estudantes em todo o processo teórico e prático das atividades propostas.

A revista de sociologia, ferramenta de ensino proposta neste trabalho, envolve essas principais características de abordagem, uma vez que, como uma elaboração de projeto coletivo, possibilita um envolvimento determinante dos estudantes nos detalhes que permite sua atuação como protagonistas do conhecimento. Para finalizar, elenco as características da ABP (Abordagem Baseada em Projetos) propostas por Bender (2015) e que podem reforçar as características da aplicação da revista durante o processo dos relatos de experiências e da elaboração dela nas turmas de ensino médio.

1. Planejamento do projeto, encontros e reuniões;
2. Organização planejada das fases e avaliações das fases;
3. O uso de tecnologias, como a internet e programas de edições;
4. Professor como facilitador do conhecimento;
5. Estudantes protagonistas no processo de elaboração do projeto;
6. Desenvolvimento de novas habilidades como a de pesquisas quantitativa;

uso de apps relacionados a design e o trabalho coletivo;

7. Valoriza as capacidades e habilidades individuais, oferecendo possibilidades de desinibição de alguns estudantes;
8. Desenvolvimento do senso de responsabilidade, além da autorreflexão e autoavaliação do grupo;

Portanto, uma ferramenta que se dedica ao ensino de uma disciplina e parte de maneiras mais dinâmicas de fazer com que os estudantes se engajem, envolvendo os conceitos teóricos as aplicações da vida concreta e despertando a criatividade e a pesquisa como passaporte para a construção do conhecimento se faz necessária como estratégia inovadora na educação do país; para uma formação crítica e autônoma dos estudantes, além de se aproximar da vida social dos estudantes na busca constante pela inclusão e aprendizagem dos conteúdos de sociologia.

CONCLUSÃO

A revista de sociologia, como uma ferramenta de ensino, proporcionou uma aprendizagem baseada em projetos dentro de uma perspectiva das metodologias ativas. São temas muito pertinentes para a educação no país, uma vez que a busca por alternativas de aulas mais dinâmicas está no centro do debate educacional, principalmente, com as mudanças da BNCC, onde desenvolver habilidades e autonomia aos jovens faz parte do processo de aprendizagem mais efetiva por meio de propostas cada vez mais próximas das suas realidades.

Criar uma dinâmica em sala de aula exige um planejamento com objetivos claros e uma proposta de aprendizado que possibilite a construção do conhecimento por meio do que é debatido e ensinado nas diretrizes curriculares da disciplina. É nesse sentido que a revista de sociologia, por meio de uma sistematização das etapas do projeto e do conhecimento de sociologia, permitiu aos estudantes mais autonomia, desenvolvimento de novas habilidades e aproximação com a realidade social.

Esta intervenção também possibilitou construir e relacionar conhecimentos pelos próprios alunos, ao unir a teoria com a prática. Exemplo disso foi o grupo que, depois do estudo preliminar em sala de aula sobre cultura e imigração e as questões sociais que envolvem esses temas, aplicaram esta compreensão ao entrevistar estudantes venezuelanos que estavam vivendo no Brasil. Perguntas que envolviam compreender melhor o processo de imigração, que na maioria das vezes é muito difícil, e quais os problemas relacionados ao país de origem e as dificuldades que passam ao viver em outra cultura. Nesse sentido, os estudantes ganham mais autonomia em trabalhar com conteúdo de sociologia e poder aplicá-los as suas realidades sociais, compreendendo que as teorias, que as vezes parecem tão abstratas, agora tem sua dimensão concreta e, dessa forma, o conhecimento se estabelece por meio de uma aprendizagem crítica e cidadão.

Tornar-se responsável em compor duas páginas de uma revista coletiva faz cada estudante exercer um papel fundamental na engrenagem do projeto. É preciso que todos estejam em sintonia e desenvolva um material jornalístico com base em pesquisas quantitativas, pela internet e com fontes confiáveis. Nesse sentido, ir a campo, coletar dados e buscar imagens e fotografias fazem com que os estudantes se envolvam mais em construir um trabalho mais autêntico, aliando a teoria com a prática para chegar a uma síntese. Ao unir todos as páginas e ver o resultado de uma revista completa e com a contribuição de todos é possível ler e compreender o trabalho dos outros colegas, possibilitando um aprendizado coletivo e mais plural.

A revista também é um instrumento que potencializa outras habilidades dos estudantes, uma vez que utiliza de métodos jornalísticos para compor sua estrutura.

A busca por encontrar notícias, informações confiáveis e diagramar essas informações com imagens ou fotos relacionadas fazem com que os estudantes desenvolvam habilidades orais, argumentativas e críticas, capazes de distinguir o que é uma opinião e como é o trabalho de quem transforma os acontecimentos e teorias em notícias que devem ser pautas na veracidade dos fatos e das pesquisas.

Nessa perspectiva, a estrutura de aplicação da revista é sistematizada a partir de uma perspectiva atemporal e flexível para se trabalhar com diversos temas, acontecimentos e conteúdos sociológicos ou interdisciplinar. A elaboração e aplicação da ferramenta (revista) são maneiras de construir o caminho teórico para a utilização de qualquer conteúdo, onde pode depender da série, das diretrizes curriculares ou do planejamento das aulas de cada professor. O foco, durante o processo de aplicação da revista, não era os conteúdos em si, mas a metodologia e abordagem dos conteúdos usados e que, para isso, a revista é justamente a ferramenta para que o professor, de acordo com seu planejamento, série e interesse de ensino, possa usá-la.

O projeto da elaboração da revista se organiza em um planejamento trimestral durante o transcorrer das aulas de sociologia, especificamente, duas aulas por semana para cada turma do ensino médio e, por isso, ganha um espaço mais reduzido para sua elaboração, tendo que conciliar com as demandas de conclusões do trimestre como recuperações, novos conteúdos e um calendário

muito apertado devido as outras atividades da escola, como por exemplo, excursões, visitas a museus e aulas extracurriculares. Nesse sentido, uma das limitações desta intervenção pedagógica foi sua aplicação apenas nos segundos anos do Ensino Médio.

Existem três motivos importantes pelos quais a aplicação se deu em duas turmas do mesmo ano. Primeiro porque as turmas de segundos anos já têm bases sociológicas, pois já estudaram sociologia no primeiro ano. O segundo motivo é que as diretrizes curriculares de sociologia para os segundos anos trazem mais temas pertinentes para um debate mais próximo da realidade dos jovens, como cultura e indústria cultural. E o terceiro motivo está ligado com a restrição de tempo e a inclusão do projeto dentro do planejamento normal de aulas de sociologia.

Pode-se perceber também que outro fator limitante ligado à necessidade de incluir o projeto da revista durante as aulas de sociologia estar associado pouca carga horária em sala de aula e, ao mesmo tempo, a sobrecarga de turmas que os professores devem ter para fechar sua carga horária semanal de aulas. A sobrecarga de trabalho desencadeia alguns pontos negativos para a efetivação do projeto. De um lado, o empenho de elaborar um planejamento com detalhes e atenções a mais que a rotina escolar. De outro, o limite de aplicar em apenas algumas turmas por causa do tempo e da atenção necessária para a efetivação do produto, a revista de sociologia.

A aplicação desta ferramenta de ensino também se deu de maneira mais isolada com relação as outras disciplinas. Novamente retomamos o dos aspectos limitantes da pesquisa: o tempo do professor e a carga horária da disciplina no ensino médio. A interdisciplinaridade é um ponto muito importante para a educação do país e por esse motivo, a maioria dos projetos devem estar alinhados a essa característica. A revista de sociologia pode ser trabalhada com várias outras disciplinas em conjunto, como artes, geografia, filosofia e, principalmente, português. Entretanto, devido aos aspectos limitantes do tempo e da rigidez da estrutura dos horários por disciplinas da escola, a presente intervenção não se utilizou da interdisciplinaridade. Destaco que estou falando aqui sobre a relação com o outro professor com disciplina diferente dentro da escola e não dos componentes

de aprendizado da revista, que por sua vez se relacionou com vários saberes que refletem a aprendizagem de outras disciplinas, como por exemplo, a escrita do gênero jornalístico que se aprende em português ou a composição de imagens e desenhos elaborados nas páginas da revista que podem se relacionar com os saberes acumulados da disciplina de artes.

É dentro desse contexto, que este trabalho pode contribuir com o ensino de sociologia nas escolas públicas do país. Apesar das limitações da presente pesquisa, propostas para estudos futuros podem surgir e com isso, mudanças ainda mais significativas para a formação dos jovens estudantes podem ser o caminho para fixar ainda mais as bases da sociologia dentro dos espaços escolares. Sabemos que as adversidades contra a disciplina de sociologia sempre estiveram latentes e com a onda conservadora que vem desde 2016 no Brasil, as mudanças na BNCC estão sendo aplicadas.

Nesse contexto, é preciso que encontremos alternativas para aprofundar os conhecimentos sociológicos em todos os anos do ensino médio. Com isso, se integrar com as mudanças e compreender que, apesar do uso das tecnologias digitais nas escolas não serem tão recentes, as pesquisas nesse campo estão cada vez mais comuns, uma vez que identificar estratégias e elaborar ferramentas que possibilitem novas formas de aprender e se relacionar com as experiências da vida social.

O ensino híbrido é uma maneira de aliar o uso de recursos tecnológicos de forma online com as aprendizagens em sala de aula de forma presencial. Destaco que não é uma forma de substituir o ensino presencial, mas oferecer proposta de aprender em lugares variados e de acordo com o tempo de aprendizado de cada aluno, além disso, oferece o desenvolvimento de novas habilidades com o contato da diversidade de ferramentas digitais. Por isso, olhar para o ensino híbrido na sociologia é ocupar os espaços da nova dinâmica da educação.

Além disso, ferramentas cada vez mais interdisciplinares devem estar no centro dos estudos futuros na área da sociologia, uma vez que possibilita ampliar ainda mais os saberes por meio dos conhecimentos sociológicos integrados com as outras disciplinas do currículo do ensino médio. Lançar luz para pesquisas que

possam aplicar materiais pedagógicos e ferramentas de forma conjunta onde a compreensão de diversos saberes possam contribuir para conhecimentos mais críticos e sistemáticos resultando em novos conhecimentos é um caminho para novos estudos.

A sociologia do conhecimento também podem ser o caminho para estudos futuros dentro da perspectiva que este trabalho se propõe a fazer. Por um lado, compreender como os estudantes recebem, produzem e elaboram os conhecimentos sociológicos é um exercício pela busca para se compreender em quais condições sociais que os alunos de escolas públicas produzem conhecimento. Ponto de partida para muito interessante para novas investigações científicas.

Nessa perspectiva de apontar as contribuições, limites e lançar luz para novas frentes de investigações que concluo o presente trabalho. As contribuições superam as dificuldades encontradas nas escolas públicas do país. Considero que as experiências podem contribuir para entender melhor como os processos de aprendizagem acontecem e oferecer uma reflexão crítica acerca de uma ferramenta para ensinar sociologia no Ensino Médio, resultando em uma abordagem baseada em projeto que foi executado com o propósito de colocar os estudantes como protagonista do seu próprio conhecimento. Portanto, o resultado desta intervenção foi a sistematização da revista de sociologia para ser usada em novas experiências pelas escolas do país.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, G. C. C.; CASTRO, A. M. N.; SILVA, M. F. S. Teorias e práticas pedagógicas de Cêlerin Freinet e Paulo Freire. In: IV Fórum Internacional de Pedagogia. Campina Grande, REALIZE Editora, 2012.
- ARELARO, L. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 11, n. 20, p. 11-17, jan./jun. 2017. Disponível em: BRASIL. EC nº 95 de 15 de dezembro de 2016. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc95.htm Acesso em abr./2019.
- BARTELMBS, Roberta Chiesa. **A observação na pesquisa em educação: planejamento e execução**. 2013.
- BENETTI, Marcia. Revista e jornalismo: conceitos e particularidades. In: FREDERICO DE MELLO, B. Tavares; SCHWAAB, Reges. **A revista e seu jornalismo**. Penso Editora, 2013.
- BENDER, W. N. Aprendizagem baseada em projetos: educação diferenciada para o século XXI. Porto Alegre: Penso, 2015.
- BIANCHI, Lilian; MORAN, José (org.) Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BOURDIEU; PASSERON, Jean-Claude. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **Introdução a uma sociologia reflexiva**. In: BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BODART, C. **O uso das letras de músicas nas aulas de sociologia**. Café com Sociologia, Revista do professor e estudante de sociologia, Vol. 1, ano 1, ed.1. Nov. 2012. Disponível em: [https://www.academia.edu/9696901/O uso de letras de m%C3%BAsicas nas aulas de Sociologia](https://www.academia.edu/9696901/O_uso_de_letras_de_m%C3%BAsicas_nas_aulas_de_Sociologia). Acesso: 01 out. 2019.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/rceb04_06.pdf. Acesso em: abr. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Concepções e Orientações Curriculares para a Educação Básica. Coordenação Geral de Ensino Médio. Ensino médio inovador: documento orientador. Brasília, DF, 2009c. Acesso: abr. 2019.
- BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e

11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho -CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei no 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei no 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Brasília, abr. 2019. Acesso em: abr. 2019

CARNIEL, Fagner; BUENO, Zuleika de Paula. **O ensino de sociologia e seus públicos**. Educ. Soc., Campinas, v. 28, [online], June, 2018.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, M.E.B. **Grupo focal**. BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2009.

CAMILLO, Cíntia Moralles. Blended learning: uma proposta para o ensino híbrido. **EaD & Tecnologias Digitais na Educação**, v. 5, n. 7, p. 64-74, 2017.

DA SILVA BUSS, Cristiano; MACKEDANZ, Luiz Fernando. O ensino através de projetos como metodologia ativa de ensino e de aprendizagem. Revista Thema, v. 14, n. 3, p. 122-131, 2017.

DAMIANI, Magda Floriana et al. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. Cadernos de educação, n. 45, p. 57-67, 2013.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. Trad. de Renata Gaspar. Petrópolis: Vozes, 2010.

DUQUE, F. O. (et.al). **Reflexões acerca da utilização de jogos teatrais em experiências pedagógicas na área de Ciências Sociais no PIBID FURB**. In: VIII SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA, 2017, Curitiba. Disponível em: http://e-democracia.com.br/sociologia/anais_2017/pdf/GT14-21.pdf. Acesso: 01 out. 2019.

FERREIRA, W.; SANTANA, D. C. A reforma do ensino médio e o ensino de sociologia. Revista Perspectiva Sociológica, n.º 21, 1º sem. 2018, pp. 41-53. Acesso em abr. 2019.

FERREIRA, V. S. **Ondas, cenas e microculturas juvenis**. PLURAL, Revista do Programa de Pós Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.15, 2008, pp.99-128.

FERNANDES, F. **O ensino de Sociologia na Escola Secundária brasileira**. Anais do I Congresso Brasileiro de Sociologia. São Paulo, 1954.

FERRETTI, C. J. A reforma do Ensino Médio e sua questionável concepção de qualidade da educação. Estud. av. São Paulo, v. 32, n. 93, p. 25-42. 2018. Disponível em: . Acesso em: abr. 2019.

FREIRE; SHÖR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cortêz e IPF, 2003.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (p. 9-24).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completa**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Perspectivas sociais e políticas da formação de nível médio: Avanços e Entraves nas suas modalidades. Educ. Soc., Campinas, v. 32, n. 116, p. 619-638, jul.-set. 2011.
- FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria e RAMOS, Marise. A Política de Educação Profissional no Governo Lula: um Percorso Histórico Controvertido. Educação e Sociedade. Campinas: v. 26, n. 92, 2005a. p. 1087 – 1113. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n92/v26n92a17.pdf>. Acesso em: abr. de 2019.
- GRASSI, M. H.; MARCHI, M. I.; SCHUCK, R. J. e MARTINS, S. N. **Docência em mestrado profissional: registros de percepções e práticas em (re)construção**. Revista Brasileira de Educação v. 21 n. 66 jul.-set. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v21n66/1413-2478-rbedu-21-66-0681.pdf>.
- GROPPO, L.A. A condição juvenil e as revoltas dos subúrbios na França. Política e Sociedade, n.8, p. 89-121, abr. 2006. Disponível < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1805/1564> > Acesso em: 08 ago. 2020.
- HANDFAS, A.; POLESSA, J. **O estado da arte da produção científica sobre o ensino de sociologia na educação básica**. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, v. 1, n. 74, p. 45-61, 2014.
- HOOKS, Beel. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- INGOLD, T. **Chega de etnografia!** A educação da atenção como propósito da antropologia. Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 404-411, set.-dez. 2016.
- ILEIZI, F.S. A Imaginação Sociológica: desenvolvendo o raciocínio sociológico nas aulas com jovens e adolescentes. (Experiências e Práticas de Ensino). Roteiro apresentado no minicurso do Simpósio Estadual de Sociologia, promovido pela Secretaria de Estado de Educação do Paraná, nos dias 20 a 22 de junho de 2005, em Curitiba-Pr.
- JUNIOR, Luiz Costa Pereira; COSTA, Luiz. **Guia para a edição jornalística**. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Editora Cortez, 2006.
- LOCKMANN, K.; MACHADO, R. Pátria Educadora? Uma análise de propostas para o ensino público brasileiro. V. 29, N. 1 (86) | jan./abr. 2018. Acesso em abr. 2019.
- OLIVEIRA, R. P. A transformação da educação em mercadoria no Brasil. Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 108, p. 739-760, out. 2009.
- LIMA, Márcia Regina Canhoto de. Paulo Freire e a Administração Escolar: A busca de um sentido. Brasília: Liber Livro Editora, 2007. 148 p.

- MACHADO, Celso de Souza. O Ensino de Sociologia da Escola Secundária Brasileira: levantamento preliminar. *Revista Fac. Educação*. 13(1): p. 115-142, jan./jun. 1987
- MENDONÇA, I.; GOMES, M. F. **Grupo Focal: instrumento de coleta de dados na pesquisa em educação**. *Cad. Ed. Tec. Soc.*, v.10, n.1, p. 52-62, 2017.
- MEUCCI, S. **Sociologia na educação básica no Brasil**: um balanço da experiência remota e recente. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, v. 51, n. 3, p. 251-260, set./dez. 2015. <http://dx.doi.org/10.4013/csu.2015.51.3.02>.
- MILLS, C. Wright. **A Imaginação Sociológica**. 4.^a ed. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1975. 246pp.
- MORAES, Amaury. **Ensino de sociologia**: periodização e campanha pela obrigatoriedade. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 31, n. 85, p. 359-382, set./dez., 2011.
- NETO, Otávio Cruz. **O trabalho de campo como descoberta e criação**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). *Pesquisa Social*. 23.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- OLIVEIRA, Amurabi. Um balanço sobre o campo do ensino de Sociologia no Brasil. Em *Tese*, v. 12, n. 2, p. 6 – 16, ago./dez., 2015.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. **“A maior zoeira” na escola** – Experiências juvenis na periferia de São Paulo. São Paulo: Editora UNIFESP, 2016, 235pp.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Do controverso “chão da escola” às controvérsias da etnografia: aproximações entre antropologia e educação**. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 23, n. 49, p. 149-176, set. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832017000300149&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 maio 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832017000300006>.
- PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **Guia para a edição jornalística**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- SANTOS, B. S. (2002). **Para uma sociologia das ausências e das emergências**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, 237-280.
- SCHWEIG, Grazielle Ramos. 2015. Aprendizagem e ciência no ensino de Sociologia na escola: um olhar desde a Antropologia. Doutorado em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- SILVA, M. R.; DICKMANN, I.; BERNARTT, M. L. EDITORIAL Radiografia do Golpe, neoliberalismo e destruição do Estado, “apagamento “dos direitos sociais, “Educação Temer(ária)”¹ e Escola sem Partido. *REVISTA PEDAGÓGICA* | V.19, N.40, JAN./ABR. 2017.
- VOGEL, Daisi. Revista e contemporaneidade: imagens, montagens e suas anacronias. In: FREDERICO DE MELLO, B. Tavares; SCHWAAB, Reges. **A revista e seu jornalismo**. Penso Editora, 2013.

ANEXOS

Figura 3 - Infográficos: Sistematização da aplicação da revista



1° PASSO
ELABORAR AS ETAPAS DA REVISTA



Falar com a turma do que se trata o projeto



Elabora as etapas em forma de slide para apresentação, conforme o feedback das turmas



Apresentação das etapas (conforme os conteúdos de sociologia estudados) em forma de slide.

 Etapas do processo - Anexo 1

2° PASSO
DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

- Elaboração das capas (o professor pode orientar para que sejam produzidas pelos próprios alunos ou participar mais efetivamente com o auxílio técnico).
- Orientações sobre a aplicação dos conteúdos de sociologia nos temas para pesquisa de campo, tabulação de dados, pesquisas pela internet e produção de textos
- Produção enviada para o professor e feita as devidas alterações e correções.

3° PASSO
PRODUÇÃO VISUAL (DIGITAL OU MANUAL)

- Digital: Os estudantes devem ter acesso a algum aplicativo de edição de revista digital (sugiro o Canva), onde farão a edição e diagramação da revista.
- Manual: Os estudantes fazem a impressão dos seus arquivos, fazem o seleção das suas imagens com apoio de recorte de revistas, decoração como uma espécie de diagramação manual suas páginas e colam na revista coletiva.

4° PASSO
AVALIAÇÃO DO PROJETO COM OS ESTUDANTES

Quando a revista ficar pronta, o professor pode fazer o momento do lançamento para toda turma poder ler e manusear a revista. Caso seja digital, o professor pode levar a turma para a sala de informática e abrir a revista digital para leitura.

Depois o professor pode fazer uma roda de conversa sobre a experiência de elaborar a revista e compreender o que os estudantes reforçaram dos conteúdos de sociologia estudados ou o que aprenderam de novo com as técnicas que aplicaram para elaborar a revista.

ANEXO 1

Slide de apresentação da revista para os estudantes

SLIDE 1

ORIENTAÇÕES BÁSICAS

- Modelo de uma revista jornalística
- Grupos de no máximo 5 pessoas
- Editoriais (conteúdos) de acordo com as aulas e com a orientação da professora



SLIDE 2

EDITORIAS

CONTEÚDOS DE SOCIOLOGIA QUE SERÃO A BASE PARA AS PESQUISAS A PRODUÇÃO DAS MATERIAS JORNALÍSTICAS.

DESTAQUE OS CONTEÚDOS PARA A RELAÇÃO COM ALGUM ACONTECIMENTO ATUAL OU ALGUMA PROBLEMÁTICA ENTRE OS PRÓPRIOS JOVENS

relacionar com as experiências diárias da vida social do estudante

EXEMPLO DE ORIENTAÇÃO PARA A EDITORIA

EDITORIA: CULTURA JOVEM

Sugestão: Pesquisa com os colegas da própria escola sobre: o que é ser jovem nos dias de hoje? quais os gostos músicas, os esportes e os interesses deles?

**Fazer essas mesmas sugestões para cada tema proposto. São orientações abertas que podem ser modificadas pelos estudantes.*

LEMBRAR

- PODE ESCOLHER MAIS PERGUNTAS.
- NÃO ESQUEÇA: FAZER FOTOS (PEDIR AUTORIZAÇÃO)

NÃO ESQUEÇA DE COMPARTEILHAR DE PAPELARIA PARA A DECORAÇÃO DA REVISTA: PAPEL COLORIDO, TELA COLORIDA, CANETAS E CANETINHO.

DECISÃO COLETIVA

- Nome da revista:
- Tema principal da capa:
- Design da capa + modelo:
- Quem vai fazer o design:



ENSINAR E APRENDER SOCIOLOGIA ACOLHENDO
A DINÂMICA DA VIDA SOCIAL

PROFSOCIO
PROFESSORA CARLA LAMARA

ENSINAR E APRENDER SOCIOLOGIA ACOLHENDO
A DINÂMICA DA VIDA SOCIAL

PROFSOCIO
PROFESSORA CARLA LAMARA

Fonte: Material da Autora.

Figura 4 – Estrutura dos temas proposta em 2014



Fonte: Material da Autora.

Figura 5 – Capas das revistas elaboradas em 2014



Fonte: Material da Autora.

Figura 6 – Cronograma proposto em 2014

ANEXO 2 - PRODUÇÃO DE REVISTA DE SOCIOLOGIA

NOME DA REVISTA:
TUNIMA:
PAUTA/ TEMA:
O QUE FAZER PARA ESCREVER A PAUTA?
ALUNOS:
REPRESENTANTE DO GRUPO:
 Data da Entrevista/ Pesquisa: ____/____/____
 Data de entregar a matéria escrita/ Fotos/ Imagens: ____/____/____
 Revisão do texto: ____/____/____
 Finalização do texto e do Layout da página: ____/____/____
 Assinatura da Professora: _____

Fonte: Material da Autora.

Figura 7 – Slides apresentados para as turmas 1 e 2

Projeto Revista de Sociologia
Professora: Carla Lamara

Revista de Sociologia

- Modelo de uma revista jornalística
- Grupos de no máximo 5 pessoas
- Editorial (conteúdo) de acordo com as aulas e com a orientação da professora

Editoriais (Temas)

- Cultura Jovem
- Identidade virtual e real
- Globalização e o processo de imigração
- Cultura e Nacionalismo
- Redes Sociais
- Indústria Cultural
- Ligados na crítica

Decisões com a turma

Redes Sociais

- Sugestões: Pesquisar sobre os efeitos da mídia social, como ela muda as relações sociais, a cultura, a identidade, a comunicação, a economia, a política e a sociedade.
- Como a mídia social influencia a cultura?
- Como a mídia social influencia a economia?
- Como a mídia social influencia a política?
- Como a mídia social influencia a sociedade?

Indústria Cultural

- Sugestões: Pesquisar sobre os efeitos da indústria cultural, como ela muda a cultura, a identidade, a comunicação, a economia, a política e a sociedade.
- Como a indústria cultural influencia a cultura?
- Como a indústria cultural influencia a economia?
- Como a indústria cultural influencia a política?
- Como a indústria cultural influencia a sociedade?

Globalização e processo de imigração

- Sugestões: Pesquisar sobre os efeitos da globalização, como ela muda a cultura, a identidade, a comunicação, a economia, a política e a sociedade.
- Como a globalização influencia a cultura?
- Como a globalização influencia a economia?
- Como a globalização influencia a política?
- Como a globalização influencia a sociedade?

Cultura e Nacionalismo

- Sugestões: Pesquisar sobre os efeitos da cultura e nacionalismo, como ela muda a cultura, a identidade, a comunicação, a economia, a política e a sociedade.
- Como a cultura e nacionalismo influencia a cultura?
- Como a cultura e nacionalismo influencia a economia?
- Como a cultura e nacionalismo influencia a política?
- Como a cultura e nacionalismo influencia a sociedade?

Cultura Jovem

- Sugestões: Pesquisar sobre os efeitos da cultura jovem, como ela muda a cultura, a identidade, a comunicação, a economia, a política e a sociedade.
- Como a cultura jovem influencia a cultura?
- Como a cultura jovem influencia a economia?
- Como a cultura jovem influencia a política?
- Como a cultura jovem influencia a sociedade?

Ligados na crítica

- Sugestões: Indicar filmes, documentários, livros, músicas relacionadas com a cultura jovem.
- Não esquecer de comprar itens de capital para a produção da revista (papel colorido, fita adesiva, cola, etc.).
- Não esquecer de fazer fotos ou gravar vídeos na internet (para autorização) Pode fazer mais perguntas.

Exemplos para elaborar seu tema da revista

Calendário

DATA	CALENDÁRIO
15/01	Decisão: Tema/ Capital Tema principal Produção de Capa
22/01	Organizar o projeto Para a produção da revista
29/01	Produção de revista Lavar no tema de pesquisa, as impressões das fotos e imagens e do texto escrito de pesquisa feita
05/02	Finalizar
12/02	Recuperação - E.g. a Comissão no quadro sobre Relações Culturais
19/02	Diversidade Cultural
26/02	Para de adaptar e adaptar os conteúdos
05/03	Indústria Cultural (revisão do conteúdo da revista) e Ideologia
12/03	Primeira edição
19/03	Recuperação - Lixo

Fonte: Material da Autora.

Figura 8 – Capa da revista da turma 1



Fonte: Material da Autora.

Figura 9 - Capa da revista da turma 2



Fonte: Material da Autora.